

Carla Maria de Almeida
Cássio Raniere Ribeiro da Silva

BIANOR
TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

BIANOR

TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

Carla Maria de Almeida
Cássio Raniere Ribeiro da Silva

BIANOR
TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS

Camaragibe, PE
2019

Fundação de Cultura de Camaragibe

A447b Almeida, Carla Maria de.

Bianor: trajetórias e memórias / Carla Maria de Almeida, Cássio
Raniere Ribeiro da Silva. – Camaragibe: Fundação de Cultura de
Camaragibe, 2019.
74 p: il.

ISBN: 978-85-5427-801-4

1. Trajetória de Bianor Mendonça Monteiro. 2. Memórias de Camaragibe. I.
Almeida, Carla Maria de. II. Silva, Cássio Raniere Ribeiro da. III Título. Bianor:
trajetórias e memórias.

Sopra o triste encanto
O vento da paisagem perdida
Houve-se as arestas da vida
E a fina lâmina dos entalhes do artista.

Teresa Cristina Monteiro

AGRADECIMENTOS

Ysolda Coutinho, pela gentileza de nos apresentar a família de Bianor Mendonça.

À Tereza Cristina, Malu, Bianor Kuniski Monteiro, Sandra e toda família do Bianor Mendonça pelas informações prestadas, pelas conversas e disponibilidade.

Às pessoas entrevistadas pela partilha do sensível:

Seu Borba, Bruno, Seu Campelo, Seu Chagas, Jeane, Dona Helena, Dona Irene, Dona Lau, Dona Luiza, Marinho, Seu Oswaldo, Seu Paulo, Seu Renato e Zeza.

SUMÁRIO

11	APRESENTAÇÃO
13	NO ENTRELACE DAS MEMÓRIAS, NOTAS INTRODUTÓRIAS
17	TRAJETÓRIA DE VIDA
25	CAMARAGIBE: A TERRA DOS CAMARÁS, A TERRA DAS CHAMINÉS
39	A VILA DA FÁBRICA: “O APITO DA FÁBRICA DETERMINAVA A VIDA DAS PESSOAS”
46	AMOR E MELANCOLIA EM TRAÇOS POÉTICOS
53	SOCIABILIDADES: ENTRE CANTORIAS E CARNAVAIS
68	CINE TEATRO BIANOR MENDONÇA MONTEIRO
73	REFERÊNCIAS

APRESENTAÇÃO

Bianor Mendonça Monteiro, personagem que empresta seu nome ao projeto, é o fio condutor dos enlaces de memória que aqui vão tecendo a malha da vida social do bairro da Vila da Fábrica através de diálogos etnográficos entre as pessoas envolvidas. Bianor Mendonça, “Bia”, também empresta seu nome ao único Cine Teatro de Camaragibe datado ainda dos anos 50, sendo uma justa homenagem, o que inspira ainda mais o desejo de vê-lo em pleno funcionamento como espaço para produção e fruição de arte na comunidade e para a comunidade. Trajetórias são compostas por sonhos, inquietações, paciência, frustrações e muita persistência. Durante alguns anos tenho-me deparado com grandes desafios, e um deles foi o de ocupar o cargo, entre os anos de 2017 a 2018, como diretor do Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro, equipamento público cultural do município de Camaragibe, que durante anos manteve-se de portas fechadas e seu palco sem vida. Subutilizado durante muito tempo como “depósito”, e algumas poucas vezes como espaço cultural, era apelidado de “Elefante Branco” onde nas memórias dos/das moradores/moradoras do bairro, o antigo galpão datado do final do século XIX, tinha vida e diversas vezes foi utilizado como espaço coletivo e de arte. Num dado momento foi cinema, num outro foi ocupado pela igreja católica, depois transformou-se em depósito que guardava os tecidos produzidos pela Fábrica durante os anos 70, e em 2000 passou a ser considerado “Teatro Municipal”. De lá para cá, foram muitas idas e vindas que permitiram, em algumas ocasiões, que seu palco fosse ocupado pela cena artística. Entre sonhos e desesperanças, de fato, poucas vezes pudemos presenciar o seu real funcionamento como espaço de arte. No ano de 2012 o Cine Teatro foi “reinaugurado” desta vez levando o nome de Bianor Mendonça Monteiro, todavia, sem as devidas condições para o seu funcionamento e pouco tempo depois suas portas novamente voltam-se a se fechar. Foi só em 2017, numa outra tentativa de reabertura, um breve suspiro para a cultura do município, que conseguimos dar a grandeza que o Cine Teatro Bianco Mendonça merece, atraindo incentivos estaduais e federais para seu funcionamento, mas as flutuações político-institucionais, fizeram com que o sonho durasse até julho de 2018. Deparando-me com este desafio, me vinha em mente a constante indagação: Quem foi o homem que empresta o nome ao Cine Teatro? Qual a sua

contribuição para a cultura da cidade? Quais os motivos do Cine Teatro levar o seu nome? Essa vontade de saber, me encaminhou para uma odisseia de dois anos de pesquisa, neste caminho, muitas coisas aconteceram, nos restando a agradecer pelos resultados que aqui se apresentam, em especial, a pessoa de Ysolda Coutinho, que nos pôs em contato com a família Mendonça Monteiro, onde desde o primeiro encontro tivemos muitas surpresas. Nos foram abertas as “caixas da memória” através das recordações, manuscritos, retratos, relatos, sorrisos, lágrimas e assim fomos entendendo de quem se tratava Bianor e qual sua conexão com a malha afetiva da antiga Vila dos Operários. Junto a este processo, entre o período de 2017 e metade de 2018, o Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro, passa por uma importante reforma e seu espaço impulsiona as artes cênicas da Cidade. Seu palco e dependências são ocupados e suas atividades passaram a ser referência na cena estadual, e assim seguimos a pesquisa. Familiares, amigos e moradores de Camaragibe vinham com as mais diversas contribuições, que aos poucos iam delineando a figura de “Bia” como um homem discreto que incentivava a cultura popular, escrevia poemas, tocava violino, incentivava a juventude a trabalhar e estudar e sobretudo se constituía como um articulador social da cidade de Camaragibe. O projeto “Bianor: Trajetórias e Memórias” nasce destas inquietações agenciadas pelos diversos atores sociais no bairro da Vila da Fábrica em torno de suas próprias memórias desde quando ficou conhecida como sendo a primeira Vila Operária do Brasil. Em sua concepção, esta pesquisa surge como forma de reparação social e histórica de homens e mulheres comuns que não tiveram suas histórias documentadas ao longo da vida, quando apenas dirigentes, políticos e pessoas ditas “importantes” tinham suas histórias contadas através da própria burocratização que seus cargos impunham. No decorrer das páginas que se seguem, veremos o impacto das relações de trabalho sobre a vida das pessoas, suas formas de divertimento e lazer, os modos de vida que derivam do êxodo rural e urbanização, bem como, os aspectos mais sublimes tecidos em suas memórias e experiências de vida confidenciadas para produção de um bem maior e aqui está o resultado. Pois este resultado também tem sido o principal motivo que nos inspira a querer pesquisar e fomentar futuros relatos de gente da gente, dos espaços e de nossa cidade.

Boa Leitura!



NO ENTRELAÇE DAS MEMÓRIAS,
NOTAS INTRODUTÓRIAS

N.º

Mendonça

Uma pessoa torna-se inspiração para escrita biográfica a partir da relevância de sua atuação em vida. Por muito tempo, apenas eram dignos de terem sua biografia escrita e, assim serem homenageados, homens que há muito estavam no poder produzindo suas próprias riquezas e memórias. Aqui trazemos a história da pessoa comum, do trabalhador engajado em suas atividades, que fez sua vida entrelaçar à memória social de sua cidade através da participação ativa na política, organização e produção da cultura popular no município de Camaragibe.

Compassados à ampliação das fontes biográficas, (re)produzimos aqui, como instrumento de pesquisa social, a memória da cidade através da vida de pessoas que se inter cruzam à do próprio Bianor Medonça e que juntas constituem uma parte da malha social e afetiva da cidade. A partir de sua trajetória, relacionamos o contexto sócio-histórico no qual estão situadas, por onde percebemos características típicas do processo de urbanização da cidade que marcadamente retratam os contextos em que se dão as relações sociais das pessoas que, aqui, também são protagonistas.

Para a construção de uma trajetória, como a do Bianor Mendonça, é necessário entender as múltiplas colagens da memória que dão vida às lembranças, bem como, os esquecimentos que juntos criam uma imagem temporal e fluída típica daquilo que se viveu ou daquilo que se sabe mesmo que “só de ouvir falar”. A reconstrução narrativa aqui deve ser entendida através dos próprios agenciamentos das pessoas entrevistadas que ao serem provocadas, organizam suas falas e suas emoções quando tratam de sua cidade, de seu bairro, de suas famílias e seus próprios sentimentos no enredado em que se constrói a Vila da Fábrica.

Por se tratar de um projeto que versa sobre a trajetória de vida de uma pessoa, as referências aqui consultadas abordam o conceito de biografia.

A perspectiva de biografia que tomamos, compreende o biografado como pessoa pertencente a um grupo social, de forma que suas memórias trazem elementos referentes ao contexto no qual está inserido, ou seja, da sociedade à qual pertence, seus hábitos e costumes. Nesse sentido, pesquisar sobre a biografia de Bianor Mendonça Monteiro é, também, evocar as memórias e a história do estado de Pernambuco, tendo em vista que os sujeitos estão situados e se relacionam em um espaço e tempo dado de significativa importância para a preservação da memória da cidade.

Outra noção a ser refletida é o conceito de memória. Aqui, a memória parte da concepção de Jô Gondar, cujos aspectos são de dinamicidade, construção e com potencialidade de ressignificar. A partir desta visão, concebemos a memória como processo, que vai ser evocada e delineada a partir do levantamento de informações fornecidas pelos entrevistados e pelas entrevistadas e também, através da documentação consultada.

Trazer a memória como elemento principal para a pesquisa e a escrita, nos permite apreender os aspectos de dinamicidade típica dos processos de significância possibilitada pelas narrativas colhidas nesta pesquisa. As memórias aqui organizadas retratam não exatamente o fato como possam ter ocorrido, mas, com o passar do tempo, como as pessoas organizam suas experiências vividas através do fluxo de tempo corrente e tudo aquilo que estão dispostas, ou não, a dizer. À medida que entramos em suas casas, trocamos alguns “dedinhos” de prosa e vasculhamos seus arquivos pessoais, criamos uma relação de confiança por onde pudemos tomar de empréstimo parte de tudo aquilo que as compõem, abrindo um portal para entendermos a vida e obra de Bianor Mendonça. A fábrica de tecidos de Camaragibe não constitui para a cidade apenas um elemento fabril de produção e geração de riqueza, seu maior legado está nas mãos, nos sorrisos, nas lágrimas e emoções das pessoas que direta ou indiretamente construíram suas famílias embaladas pela rotina de trabalho e os apitos da fábrica.

Os fragmentos das narrativas aqui apresentados evocam as memórias, dão corpo às histórias vivenciadas no bairro e na cidade, são trajetórias que se entrelaçam com a vida de Bianor. As narrativas foram transcritas buscando sermos fidedignos com a fala do outro e da outra. É importante destacar que todos entrevistados e todas entrevistadas assinaram os termos de autorização de uso de informação, imagem e áudio. Os documentos aqui citados também são apresentados conforme o vocabulário e gramática de seu tempo.

Quanto às fontes documentais, visitamos o Arquivo Público do Estado de Pernambuco, os prédios da sede e do anexo, lá, nos deparamos com um rico acervo textual e iconográfico referente à cidade de Camaragibe, como jornais e plantas de equipamentos da cidade, que nos forneceram informações referentes aos aspectos culturais, políticos e arquitetônicos da cidade.

No acervo multimídia da Fundação Joaquim Nabuco, também encontramos material de relevante importância para a memória social da cidade de Camaragibe. Os arquivos pessoais, custodiando documentos iconográficos, textuais e exemplares bibliográficos, foram importantes fontes de informação. Com destaque especial ao arquivo da família Mendonça Monteiro, cujos documentos disponibilizados, alguns aqui apresentados, contribuíram para a construção da narrativa sobre a vida de seu titular.

Dito isso, nos resta aproveitar as últimas linhas desta apresentação para agradecer as pessoas que colaboraram direta ou indiretamente para a realização do trabalho, as pessoas entrevistadas, aquelas que nos forneceram informações e apoiaram sua execução. Agradecemos ao Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura PE), que proporcionou a concretização deste projeto. A elaboração deste trabalho se tornou possível através de apoio e trabalho coletivo, a criação de uma rede permitiu que adentrássemos nos fios da memória de Bianor Mendonça Monteiro e demais personagens que integram esse cenário que é a Vila da Fábrica na cidade de Camaragibe.



TRAJETÓRIA DE VIDA



Nascido em Nazaré da Mata, em 24 de abril de 1911, Bianor de Mendonça Monteiro, registrado como Bianor Alves Monteiro, se mudou para a cidade de Camaragibe, onde construiu uma trajetória voltada à Fábrica de Tecidos de Camaragibe. Embora a rotina na fábrica ocupasse muito do seu tempo, foi na Vila da Fábrica que fez engrenar sua veia artística como poeta, violonista, compositor, articulador cultural e incentivador das manifestações culturais populares.

Filho de Manoel Alves Monteiro e Izabel de Mendonça Monteiro, ex-operários da Fábrica de Tecido de Camaragibe, da Companhia Industrial de Pernambuco (CIP). Sua mãe, era oriunda de uma família abastada do estado de Alagoas. Seu pai, era de uma família pobre do interior de Pernambuco. Os dois se casaram contrariando a família de Izabel, sendo esta deserddada. Por isso, seus filhos não receberam seu sobrenome, o Mendonça. Apenas quando Bianor Mendonça Monteiro sai do exército e retoma o trabalho com seu tio materno Simplício Mendonça, ele integra o sobrenome da família materna em seu nome.

Apesar do afastamento da família materna, as difíceis condições financeiras da família impulsionaram o seu tio, que tinha um estabelecimento comercial de tecidos na capital pernambucana, empregar Bianor ainda muito jovem, de modo que ele passou a contribuir na renda familiar. A atividade que desempenhará o impediu de permanecer na escola, chegando a cursar apenas até a quarta série primária. Uma experiência que marcaria profundamente sua trajetória, sem com isso desanimar e mesmo estudar por conta própria. Curioso que era, aprendeu matemática, português e mesmo alguns idiomas através de sua avidez em descobrir mais sobre o mundo e suas engenhocas. Mesmo que não tenha frequentado a escola, Bianor ficava atento às aulas de francês que seu tio recebia no estabelecimento no horário do almoço, chegando a aprender a língua, conforme fala sua filha Malu: *E ele*

Documento de Identidade.

Fonte: Arquivo Pessoal de
Bianor Mendonça Monteiro.

aprendeu francês porque o tio Simplicio tinha um professor que ensinava e ele ficava sentadinho assim no chão e ele aprendeu. Aí, o professor ficou tão admirado com o grau de inteligência dele que disse “eu vou lhe ensinar”. E ensinou. Ele só tinha o primário.

Sua filha Teresa conta que, na infância, seu pai falava de como só tinha apenas um tamanco de madeira e uma calça de mescla ou Brim. Todavia, a falta de condições financeiras e a ocupação no trabalho não o impediam de brincar enquanto criança, compartilhava com demais crianças de seu bairro jogos como bola de gude, pião e empinar pipas, sendo campeão muitas vezes entre seus colegas com a pipa confeccionada por ele mesmo. Bianor era o filho mais velho dentre quatro filhos, seus irmãos se chamavam Jonas e Valter, e sua irmã, Beatriz.

Ainda jovem, saiu da casa dos pais para dar espaço ao seu irmão Valter, que havia casado e esperava um filho. A saída o levou para a morar na casa de uma tia, em Olinda. Apesar de ter saído da casa de seus pais, Bianor sempre contribuiu financeiramente com eles, especialmente quando seu pai adoeceu. A condição precária restringia seus hábitos alimentares ao arroz, feijão e carne seca, fator que contribuiu para que seu paladar não se satisfizesse com outra alimentação mais rebuscada, mesmo após sua condição financeira ter se estabilizado. Sua contribuição ia além, tinha um olhar atento aos mais necessitados, sendo reconhecidos pelos gestos de ajuda àqueles que mais precisavam.

Ao adquirir tuberculose, entre 18 e 20 anos de idade, sua tia Celestina, carinhosamente chamada de Celé, irmã de seu pai, o levou para Camaragibe para a casa de outra irmã Maria José de Holanda, a Nenem. Mesmo acometido pela doença, o humor de Bianor o fazia rir da condição de enfermidade, ao falar pra sua filha Teresa Cristina, “- Olha, Cristina, vou lhe dizer uma coisa: só os grandes poetas tinham tuberculose’, sabe? Ele ‘- Só os grandes poetas tinham tuberculose’. Eu não sei se para justificar porque ele teve também ou realmente porque tinha aquele folclore de época que todo grande artista, todo grande poeta terminava adquirindo tuberculose”. Nenem tratou dele e deu moradia até sua saída, primeiro para servir ao exército, depois, definitivamente em 30 de maio de 1940, data de seu casamento com sua primeira esposa, Emília Kuniski.

Aos 23 anos de idade, Bianor Mendonça Monteiro é convocado a servir o exército, alistado no Batalhão de Caçadores, em uma curta, porém marcante, estadia entre janeiro de 1934 e dezembro de 1935. Realizou dois cursos



Permissão de saída do exército.

Fonte: Arquivo Pessoal de Bianor Mendonça Monteiro.

de Candidatos a Cabo (CCC), com médias altas. Durante esse tempo, o Brasil passava por ondas de insatisfação contra o autoritarismo imposto pelo governo de Getúlio Vargas. A Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente criada contra o fascismo, integralismo e imperialismo, qual o político Gregório de Bezerra, à época sargento, fazia parte, promoveu, junto aos militantes do Partido Comunista Brasileiro a Revolta Vermelha, também conhecida como Revolta Comunista ou Intentona Comunista, em novembro de 1935. O episódio eclodiu primeiro em Natal, seguido de Recife e Rio de Janeiro. Em Recife, Gregório de Bezerra lutou contra os oficiais do quartel-general da 7ª Região Militar, e populares tomaram a cidade de Olinda, sendo preso horas depois.

O cenário político e ideológico dividia os soldados e demais militares, entre os que eram favoráveis e contrários a revolta. Prestando o tempo regulamentar do serviço na 7ª Região Militar, Bianor Mendonça Monteiro fez a guarda de Gregório de Bezerra, conforme nos narram os familiares, ficou incumbido de protegê-lo, não permitindo que alguém machucasse ou matasse o sargento enquanto estivesse naquele quartel. E assim o fez, defendeu Gregório Bezerra de militares, cujos alguns eram superiores à sua patente, assegurando-lhe a vida, conforme narra sua filha Teresa Cristina:

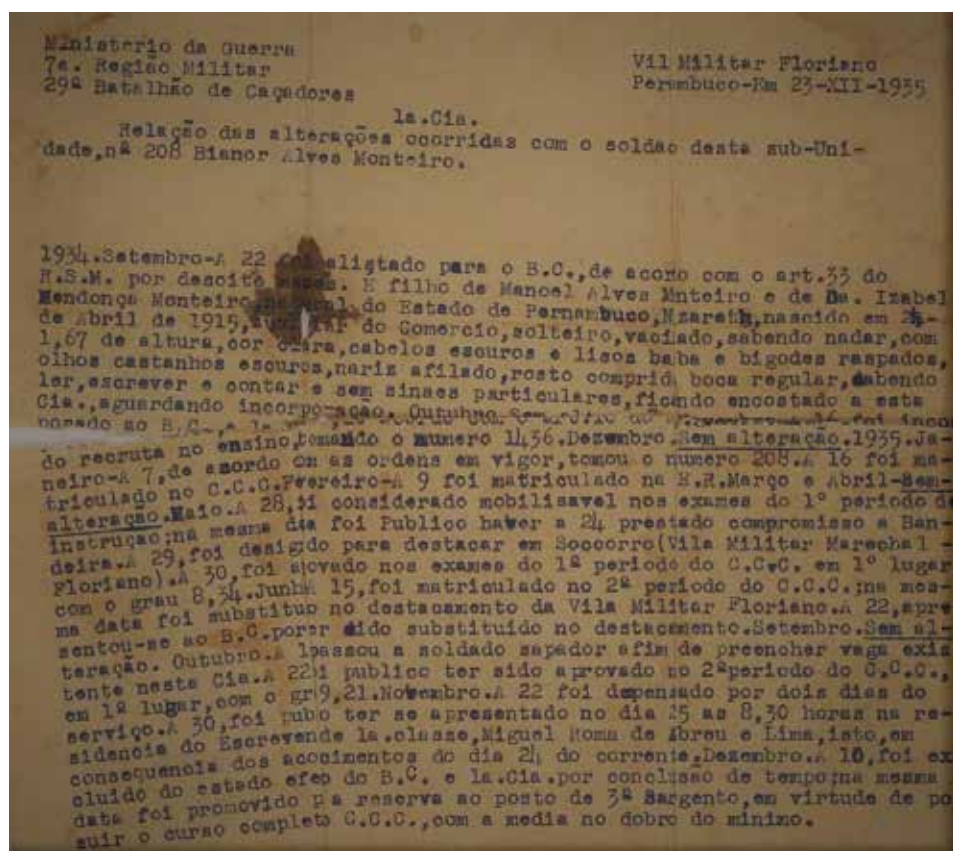
Gregório Bezerra, que era do Partido Comunista na época, isso anteriormente, procurou tio Valter, né? Antes de vir para aqui e pediu para tio Valter localizar o soldado que estava de guarda quando ele foi preso. Porque esse soldado defendeu ele, que vieram matá-lo e ele se colocou na frente. Inclusive, era uma patente bem mais alta, que eu não sei se na época era cabo. Isso aí eu não sei os detalhes, tá? Mas a patente mais alta eu não sei se era um tenente, que veio para eliminar Gregório Bezerra dentro da cadeia e papai assumiu a posição. Com um fuzil na mão disse que ele não passasse, não. Se passasse pra matar Gregório Bezerra, ele derrubava. (Teresa Cristina)

O tenente saiu com raiva, junto com os outros dois oficiais que vieram matar o Gregório Bezerra e não eliminaram o Gregório. E aí, o que aconteceu? Gregório Bezerra, no dia seguinte, saiu da prisão onde estava - que papai tava mantendo guarda, e foi transferido para outro local. Então, foi quando o Gregório falou com tio Valter, que era do Partido Comunista na época, e pediu para localizar um soldado. Gregório não sabia que o soldado era Bianor ou se sabia ele deve ter dito o nome etc e tal, pra tio Valter. Mas tio Valter, vamos dizer assim, quando Gregório contou pra ele, ele disse 'eu sei quem é'. Aí, foi e pergun-

tou pra papai: ‘Bianor, aconteceu isso e isso?’, papai disse: ‘aconteceu’.
(Teresa Cristina)

Tal feito foi reconhecido pelo Gregório Bezerra que, em 1979, conduzido por Valter Mendonça Monteiro, irmão de Bianor, visitou a residência de Bianor para agradecer-lhe. Conforme nos diz Teresa Cristina, “foi uma tarde e um jantar de muitas conversas. E houve momentos que os dois conversaram sós”. Tempos depois, Gregório de Bezerra visitou novamente Bianor, entregando-lhe um livro de sua autoria que escreveu a mão sua autobiografia e posteriormente foi editado.

Bianor e Emília se conheceram nas encenações de peças que eram realizadas no Clube do Guarany, com o Grupo O Grêmio. Conforme Bianor Filho, o grupo era formado por pessoas próximas, que tinham uma preocupação com o desenvolvimento cultural e artístico da cidade, entre as pessoas integrantes,



Relação de alterações enquanto soldado.
Certificado de reservista. (página seguinte)

Fonte: Arquivo Pessoal de Bianor Mendonça Monteiro.



MINISTÉRIO DA GUERRA

(1) 7^a R. M.

37^a Batalha de Caçadores
(Corpo ou Formação de Serviço)

CERTIFICADO DE RESERVISTA DE 1^a CATEGORIA

Nº 24880

Certifico que o cidadão *Briano Alves Monteiro* (1)
da classe de 1915, alistado no ano de 1934 (1) pelo município de *Recife* (1)
Estado *Pernambuco* (1)
e incorporado no ano de 1934 (1) é considerado reservista de 1^a categoria.

Identificação

Filho de *Manoel Alves Monteiro*
e de *Isabel Mendonça Monteiro*

Natural (1) Estado *Pernambuco* (1)
do (1) Município *Recife* (1)
Cidade (lugar) (1)
Data de nascimento *24-9-15* (1)
Vacinado *Sim* (1) *Le* (1) *Sim* (1) *Esquema* (1) *Sim* (1)
Profissões sucessivas como civil *Comercio* (1)
Outras notas



Côr. *Claro* (1)
Cabelos *castanhos* (1)
Olhos *castanhos* (1)
Altura *1 m 67* (1)
Nariz *aplaado* (1)
Boca *regular* (1)
Sinais particulares *na pele* (1)

On
Impressão
digital
(polegar direito)

Briano Alves Monteiro
(Assinatura do reservista) (2)

Serviço ativo (1)

Unidades onde serviu
Tempo de serviço (inclui)
Especialidades *Não*
serviço

37^a Batalha de Caçadores
usou nº 11-734 excluído em 1^a 19-9-35

Mobilização

Destino de mobilização *37^a Batalha de Caçadores*
Vai residir em *Recife, Pernambuco*

(Cidade e, se possível, rua e número)

Cidade (lugar)

Centro de Mobilização n.

No número *11* de *Dezembro* de 1935

(Ass.) *Cel. Augusto Almeida*
Com. do corpo ou chefe da formação de serviço

OBSERVAÇÕES

A) Este certificado poderá ser substituído oportunamente pela caderneta correspondente.

B) Em caso de mobilização o reservista deverá apresentar-se à autoridade local (civil, se não houver guarnição militar), a fim de obter meio de transporte até o lugar do Centro de Mobilização que lhe foi atribuído.

(1) Preenchido pelo corpo ou formação de serviço.

(2) Preenchido pelo reservista se souber ler e escrever.

(3) Número de ordem dado pelo Estado-Maior do Exército.

(4) Tomada na sede do corpo ou formação de serviço e autenticada com o respectivo carimbo.

(5) Preenchido pelo agente do correio local.

encontra-se, também, a cantora lírica Julieta Rocha. O Grêmio era liderado por José Acioly e Nita Teixeira, o mesmo casal que liderava o Grupo Teatral do Guarany. Composto pelo mesmo coletivo de O Grêmio, integrantes que trabalhavam ou não na fábrica, esse grupo encenava peças voltadas para histórias profanas, das quais “A louca do jardim” e “Carmem” tornaram-se célebres na Vila da Fábrica. Não conseguimos verificar se consistia em duas denominações atribuídas ao mesmo grupo, visto que Bianor Filho mencionou que O Grêmio “era um dos nomes do grupo de teatro”, também, as pessoas envolvidas eram as mesmas.

Sabe-se que uma das recreações estimuladas pela diretoria da Fábrica era o teatro, de modo que foi criado a Sociedade Dramática de Camaragibe, também chamada de Clube Dramático de Camaragibe, que desenvolvia apresentações previamente agendadas no calendário da Fábrica, com encenações de caráter religioso. O intuito era promover diversão e lazer aos operários e suas famílias, embora fosse uma forma de garantia da ordem através de temas que objetivavam a inibição de comportamentos desviantes e manutenção da rotina de trabalho.

Emília Kuniski era filha de casal de imigrantes poloneses, João Kuniski e Maria Mayer Kuniski, que aportaram no Brasil exilados pela 2^a Guerra Mundial. Emília, nascida em outra cultura, cujos modos e pensamentos eram menos conservadores que a “terra dos Camarás”, era, por vezes alvos das más línguas por sua postura. Durante a apresentação da peça “O jornaleiro”, Emília Kuniski protagonizou um homem, conforme Bianor Filho, a personagem cantava “*olha a noite, eu sou um pobre jornaleiro que não tenho paradeiro*”, vestindo as calças e blusas de Bianor, ação que causou indignação e espanto entre os camaragibenses. Também, amamentava seus filhos sentada na calçada de sua casa, contrariando os conservadores que enxergam o ato, através de códigos de conduta próprios, como ofensa à moral e aos bons costumes. 5) Ações como essa nos leva a enxergar os conflitos de ordem cultural nos hábitos e costumes relacionados à amamentação e sua relação entre o público e o privado. Comenta Seu Borba, sobre a visão conservadora de algumas pessoas à época sobre a mulher:

E não era aceito, “devido a religiosidade”, não se queria que a mulher... Ou ela usava um vestido comprido ou um vestido bem abaixo do joelho [...] Não sabe como é uma mulher que vivia com uma religiosidade dentro da igreja e tudo e ta com roupa

de homem, vestindo roupas de homem pra fazer encenação uma coisa essa, uma coisa dessa, mas era porque era praxe do lugar o pessoal era muito rural, muito diferente.

Ao casarem, Bianor e Emília foram morar na residência de número 420, na rua Severino Santos, no bairro Vila da Fábrica, onde no quintal da casa, plantaram um coqueiro anão, como símbolo da união. Juntos, tiveram um filho e quatro filhas: Mariza Rita, Isla Maria, Bianor Kuniski, Lúcia Maria e Maria de Lourdes.

Camaragibe foi a cidade onde Bianor Mendonça Monteiro construiu sua carreira profissional e formou sua família, a paixão pela cidade o fazia, em tom zombeteiro negar sua cidade natal, “amava Camaragibe. Sei que nasceu em Nazaré da Mata. E ele dizia: que foi por acaso, pois [seus pais] estavam de passagem”, nos disse Teresa. Camaragibe, especialmente o bairro Vila da Fábrica, tornou-se cenário de sua trajetória e de tantas outras ali vividas, entrelaçadas pelo convívio e pelas relações pessoais e profissionais que ali viveram. Diante disso, nos perguntamos, que terra é essa, “cidade dos camarás”?



CAMARAGIBE: TERRA DOS CAMARÁS, TERRA DAS CHAMINÉS

A região que conhecemos hoje como Camaragibe, foi ocupada pelos colonizadores europeus a partir da doação do donatário da Capitania de Pernambuco, Duarte Coelho de Albuquerque, no ano de 1542, aos “cristãos novos” Pedro Álvares Madeira e ao casal Diogo Fernandes e Branca Dias. Vinda à colônia após seu marido, Branca Dias é vista como uma personagem singular por ser a primeira mulher a fundar uma escola para mulheres e também, após a morte de seu companheiro, prosseguir na administração do engenho. As terras que pertenceram a Branca Dias perfazem a área contingente entre os engenhos Camaragibe e o de Apipucos, situava-se o extinto Engenho de Dois Irmãos. Embora existam várias incertezas sobre os desdobramentos da história desta “Senhora”, teria sido a mesma denunciada ao Tribunal do Santo Ofício por reservar para si práticas religiosas judaicas. Tendo sido intimada a ordem de prisão, haveria mandado arremessar ao açude que por ali corria, toda sua baixela, conjunto de talheres, travessas, pratos, entre outros mais objetos de prata que possuía e daí deriva então o nome do “Riacho da Prata”.

Com o passar do tempo, uma parte das terras do antigo Engenho foi comprada pela Companhia Industrial Pernambucana que dispunha de uma esplanada onde foi construída a fábrica de tijolos, onde muito próximo desta desenvolveu-se a Vila Operária. Dos rios Camaragibe e Una, foram utilizadas as águas para a criação de dois açudes que visavam fornecimento para a Vila e a Fábrica. Nesta mesma propriedade, corria a estrada de rodagem Recife-Limoeiro gerida pela Great Western Brazil. A aquisição da propriedade foi estratégica e contribui para o desenvolvimento urbano da cidade de Camaragibe, que em pouco tempo tornar-se-ia atrativa para as populações rurais oriundas do interior do estado que buscavam emprego e melhoria de vida. A passagem do século XIX para o XX implicava em uma mudança não apenas temporal, mas o Brasil passava de um governo imperial para um republicano, requerendo transformações ditas modernas para a sociedade. Assim, não apenas Pernambuco, mas em outros estados da federação o desenvolvimento fabril desenvolveu de forma intensa, contribuindo para novas formas de relações de trabalho, consumo e moradia.

A Companhia Industrial Pernambucana (CIP) foi fundada em 23 de janeiro de 1891, se estabeleceu em Camaragibe após a aquisição da Usina Goyana, por meio da posse de terras do Engenho Camaragibe, área à época pertencente ao município de São Lourenço da Mata. A primeira construção foi a fábrica de tijolos, chamada de Olaria, que fornecia tijolos e telhas para a



construção da Fábrica de Tecidos e para as habitações que serão elevadas no bairro da Vila da Fábrica.

No começo do século XX, a indústria têxtil estava em ascensão, os tecidos grossos eram amplamente fabricados. Pierre Collier, genro e braço direito de Carlos Alberto de Menezes, um dos empresários sócios da CIP, relata a escolha da produção e os passos que seriam seguidos para a construção da Fábrica,

Mentalidade de pioneiro percebia que uma das indústrias que estavam em melhores condições para serem desenvolvidas em Pernambuco era: precisamente a indústria têxtil do algodão, pois o NE brasileiro situava-se, entre as áreas mundiais mais importantes de produção dessa fibra[...] Projetamos a fábrica para 400 teares, adicionando-lhes, porém, uma seção completa de tinturaria, branqueamento e preparação de tecidos. Tivemos com isto a ideia de habilitar nossa fábrica a libertar-se da produção exclusiva de tecidos crus uma vez que estamos convencidos de que, dentro de alguns anos, a produção de tais tecidos será superabundante no país. (COLLIER apud COLLIER, 1996, p.57)

Buscando ampliar as possibilidades e se destacar no mercado, os diretores da Fábrica optam pela produção de tecidos mais finos, o que ganha destaque no comércio têxtil durante a primeira metade do século XX. Santos (2017) apresenta a lista dos setores da Fábrica, que indicam a distribuição espacial e de suas seções dentro da estrutura de uma fábrica de tecidos, conforme observamos no Quadro 1:

1 - O depósito de algodão	7c - Armazém
1a - Sala de batedores	7d - Acabamento em cru
2 - Salas das cordas, estiragens, bancas e fiadeiras	7f - Acabamento em branco
	8 - Tituraria
3 - Sala das meadeiras e enchadeiras	8a - Estufas
4 - Depósito do material de fiação	8b - Depósito de drogas
5 - Capella	9 - Alvejamento
5a - Depósito de pano	10 - Oficinas
5b - Almoxarifado	11 - Caldeiras
6 - Tecelagem	12 - Motor
7 - Urdideiras e remetedeiras	13 - Escritório
7a - Engomadeiras	

1

É importante destacar a presença da capela (número 5), que apesar de não constituir em uma seção do contexto fabril, sua inclusão se apresentava como norteadora do plano espiritual e moral, direcionando a comunidade fabril e as atividades da Fábrica desde sua fundação. A capela também foi o lugar onde muitas pessoas do bairro realizaram seus casamentos. Além dos setores da Fábrica,o item 7c remonta ao armazém que atendia exclusivamente à população que residia no perímetro da Fábrica.

As primeiras máquinas chegaram em 1893, e em 1895, a Fábrica já estava funcionando, contendo as áreas de fiação, tecelagem, branqueamento, tinturaria, preparação dos tecidos, além da fábrica de tijolos. O abastecimento de água era feito pelos rios Camaragibe e Uma que eram represados e formavam os açudes São João e São Bento, este último, também chamado de “Balde”, devido a uma ponte de ferro construída ao lado, como uma parede para se evitar acidentes, também era o açude que abastecia a Vila da Fábrica no início do século XX. Até a encanação de água se expandir na cidade, as casas eram abastecidas por meio de chafarizes, que foram colocados em pontos estratégicos da Vila, conforme nos diz Marta Guerra (2007, p.67), ao escrever sobre suas memórias em Camaragibe:

- Na rua Severino Santos, próximo à atual República;
- Na Av. Carlos Alberto de Menezes, no mesmo local, onde se encontra,

Quadro 1: Setores da Fábrica conforme relatório de 1899

Fonte: Santos (2017, p.36).

hoje, o busto de Nia;

- Na rua Pierre Collier, atrás da República;
- Em frente ao Clube Guarany, Av. Com. Moniz Machado;
- No início da atual Rua Luiz Carlos de Araujo, onde, na época, havia uma frondosa mangueira;
- Atrás do Clube Guarany, a transversal Av. Com. Moniz Machado;
- No Beco da Frutapão, transversal Av. Com. Moniz Machado;
- Nas imediações da fábrica.

Quanto à energia, até a década de 1950, a Fábrica supria e controlava a energia das residências da Vila da Fábrica, com fornecimento diário até às 22hs, apenas quando havia um enfermo na residência é que a luz era fornecida em horário integral, conforme nos relata Seu Borba:

A maioria das casas, todas tinham energia, essa energia era até 10hs da noite. Depois de 10hs, a fábrica desligava a parte de derivação do motor que iluminava as casas aqui e ficava tudo escuro. Agora, se houvesse uma pessoa doente, aí era diferente. A pessoa comunicava no escritório que tinha uma pessoa doente que precisava passar a noite e tudo mais, aí eles avisavam que as outras casas podiam ficar desligadas e apenas aquela ficava acesa. E com isso aí, eles tinham esse conforto aí [...] É, só que aí, por ordem da fábrica ninguém ligava.[...] Eles obedeciam sim. Isso mesmo, aí, aquela casa tinha prioridade, ficava acesa com o medicamento do doente e tudo mais (Seu Borba).

A Vila da Fábrica foi construída na intenção de atender à demanda de funcionários da Fábrica, seguindo um projeto prévio de organização e padrão entre as casas, como vemos em destacado no documento apresentado pela Exposição Nacional de 1908, “A construção da villa operaria obedeceu a um alinhamento regular, fugindo apenas a esta disposição um grupo de seis casas de taipa edificadas no inicio dos trabalhos da Companhia, com caracter provisorio e, devendo desaparecer dentro em breve” (PERNAMBUCANA, 1908, p. 23).

Todavia, o conforto imobiliário era disposto conforme, segundo o relatório, às “diferentes famílias”, com casas de distintos tamanhos e disposições, situadas, estrategicamente, no bairro da Vila da Fábrica, resultando em treze tipos de moradia. Até 1908, existiam 155 casas de alvenaria, incluindo oito construções públicas. Além destas, 129 casas de taipa foram elevadas no terreno pertencente à Fábrica, que obtiveram a licença

mediante um acordo com a Fábrica, que era a não cobrança por parte da empresa aos moradores em troca da exclusividade da residência à família cujos provedores trabalhassem na Fábrica, e em caso de retirada desses, ela deveria ser vendida para outra família de trabalhadores, conforme vemos no relatório: “Não cobra taxa alguma sobre os terrenos ocupados, estabelecendo porem, que essas casas destinadas exclusivamente a moradia de famílias de quem as possui, e em caso de retirada d’esses serão vendidas aos seus companheiros de trabalho” (PERNAMBUCANA, 1908, p. 27).

Um aspecto a ser ressaltado consiste na destinação de um espaço para o jardim ou pequena horta. Lopes (1988), ao pesquisar sobre a Fábrica de Tecidos de Paulista, encontrou semelhante característica na arquitetura das moradias. Conforme o autor, o controle da Fábrica de Paulista, qual denominou de “sistema Paulista”, ia além da produção da força de trabalho, atingia a moradia das pessoas, de modo que a Fábrica definia o espaço da casa, com áreas nas residências destinados à roça ou aos jardins, para agregar à renda familiar e à ocupação e entretenimento dos finais de semana. No contexto de Camaragibe, as casas tinha uma área com jardins, servindo, além de um cômodo a mais na residência, mas como um espaço de lazer e ocupação. A jardinagem possibilitavam aos moradores e às moradoras uma área de convívio familiar, especialmente durante os finais de semana, e também, ocupavam o tempo, especificamente dos homens, ao invés do ócio impulsionar momentos boêmios. Conforme vemos na fala de Seu Borba, ao descrever as casas da Vila:

Existiam uma coisa interessante, eram de duas em duas casas, a vila construídas, de duas em duas casas em formatos paralelos e da direita para a esquerda tinha um terreno de cinco metros, então esses terrenos com cinco metros se utilizavam, então, jardins com flores ou então pequenas frutíferas, utilizavam pitangas, eram figos, eram árvores que não cresciam muito. Ou faziam jardins, pé de goiabeira, e tudo mais. E com isso aí, era tudo arborizado.

Com esta fala podemos entender que a organização espacial da Vila Operária não era “de um todo” rígida e determinada pelos dirigentes da fábrica, embora saibamos de seu controle social, a criatividade das pessoas fez nascer jardins e quintais que alteravam a paisagem através de cores, sabores e sentidos típicos da criatividade humana, que em grande medida eram trocadas entre os moradores, reforçando a solidariedade entre as pessoas

que ali se avizinhavam. Foram, também, construídos dois prédios, cada um com doze quartos, para os operários solteiros, conhecida como a “República dos Solteiros”, um desses prédios permanece vivo no bairro da Vila da Fábrica, tendo reconhecido seu valor cultural através do Inventário Participativo dos Bens Culturais de Camaragibe no ano de 2018; Sobre as mulheres solteiras, quando questionado, seu Borba diz que, elas já eram filhas de alguém da Vila, não havendo, assim, um número significativo de migração que justificasse um espaço apenas para mulheres. Podemos pensar também, que a maior parte da força de trabalho estava reservada ao contingente masculino, situação essa que nos dias atuais vem paulatinamente mudando, onde as mulheres têm se apropriado de frentes mais amplas de trabalho, ainda cabendo reivindicações por equiparação salarial e representatividade.

O controle da Fábrica de Tecido sobre seus trabalhadores e suas trabalhadoras ia além do processo fabril, do interior da fábrica e manuseio das máquinas. A Fábrica, seguindo o projeto social e cristão de Carlos Alberto de Menezes, inspirado no movimento cooperativo disseminado nos países europeus, constituiu, no ano de 1900, a Corporação Operária de Camaragibe, com a justificativa de não se limitar a um dever de patronato, impôs a Corporação com fins de que seus operários e operárias se envolvessem com os serviços da fábrica, em atividades sociais, culturais e religiosas, conforme aponta o relatório de 1908, “Ella tem por fim chamar a si dirigir e desenvolver toda a sorte de beneficios, materiaes, intellectuaes, moraes e espirituas para os operarios das fabricas de Camaragibe”(PERNAMBUCANA, 1908, p. 29). Todas as pessoas que trabalhavam na fábrica e suas famílias eram associadas à Corporação. Ela era dirigida por um Conselho Corporativo, que tinha renovação a cada dois anos, composto por representantes da Fábrica, o gerente e seu ajudante, e 20 operários, dos quais 10 eram deliberados pelo presidente e 10 eleitos por seções de trabalho da Fábrica.

A Corporação estipulou, também, a criação de um conselho profissional consultativo. Composto por operários, o referido conselho possuía representação perante à direção da fábrica, e era incumbido de indicar as medidas e necessidades dos trabalhadores e trabalhadoras com vistas a melhorar as condições de trabalho.

A Corporação era dividida em Parte Central, Sociedade de Mútuo Socorro e a Sociedade Cooperativa. A Parte Central era responsável pelos servi-

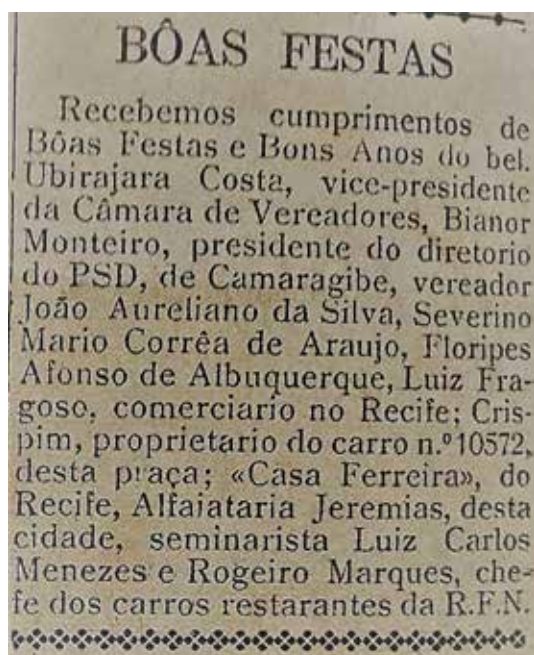
ços religiosos; pela escola, professoras e professores e comissão escolar; garantia de água, conforto e salubridade; clube musical, clube dramático e festas. A Sociedade de Mútuo Socorro era responsável pelas questões que envolviam a saúde: assistência médica, nascimentos, mortes e medicamentos. A Sociedade Cooperativa era responsável pelo fornecimento dos gêneros de consumo: armazéns de secos e molhados, loja de fazenda, roupas e miudezas, padaria e açougue. As fontes de recursos para o desenvolvimento das atividades da Corporação eram oriundas da subvenção da Companhia Industrial Pernambucana, da contribuição dos associados, por meio do desconto do salário e parte por meio do lucro da própria Cooperativa.

Até 1944, a Sociedade Cooperativa era responsável pelo fornecimento de mantimentos. Existia o que se chamava de “barracão”, lugar que ficou registrado na memória e história dos moradores da Vila, como remete Seu Borba,

O barracão é praticamente o início da história da vila, dos anos de 1900 mais ou menos e era feito um supermercado aqui, a fábrica comprava os produtos e revendiam aos operários com uma pequena margem de lucro, só que o operário que tivesse dinheiro comprava, o que não tivesse, tinha um número de matrícula, dava aquele número comprava aquilo ali e ia para o escritório, quando era depois aquilo era descontado, aquele valor da mercadoria que ele comprou e ele não tinha problema nenhum... E ainda por cima tinha a pessoa que trabalhava no barracão pra trazer até a casa da pessoa aquelas compras. Ai sempre a gente encontrava um rapaz, com... era um caixote de madeira com aquelas compras todinha que a pessoa fazia e levava em casa, era interessante.

O barracão possuía uma estrutura que buscasse atender às diversas necessidades dos moradores e moradoras da Vila, desde roupas, aos produtos alimentícios, como também, material de papelaria,

O barracão era dividido da seguinte maneira, um lado só os alimentícios, o outro lado que olha ali pra fundação somente de roupas, de roupas não, tecidos, sapatos e outras coisas mais pra residência, né? Ai vendiam ali... fogão... é... agulha, botões, essas coisas assim, aí eles eram vendidos ou então vendiam caderno, lápis, caneta essas coisas todas. Caneta não porque na época não existia caneta, era o grafite. O grafite era... lousa, também era uma pedra desse tamanho, se escrevia na pedra, era chamado lousa, escrevia tudo na pedra o que o professor narrava, depois a gente passava ou para o papel ou então apagava... (Seu Borba)



Sessão “Boas festas” do jornal “A Hora” (28/12/1952)

Fonte: Arquivo Público Estadual
Jordão Emerenciano - APEJE

Carteira de usuário do Serviço Social da Indústria
(Departamento Regional de Pernambuco).

Fonte: Arquivo Pessoal Bianor Mendonça Monteiro.

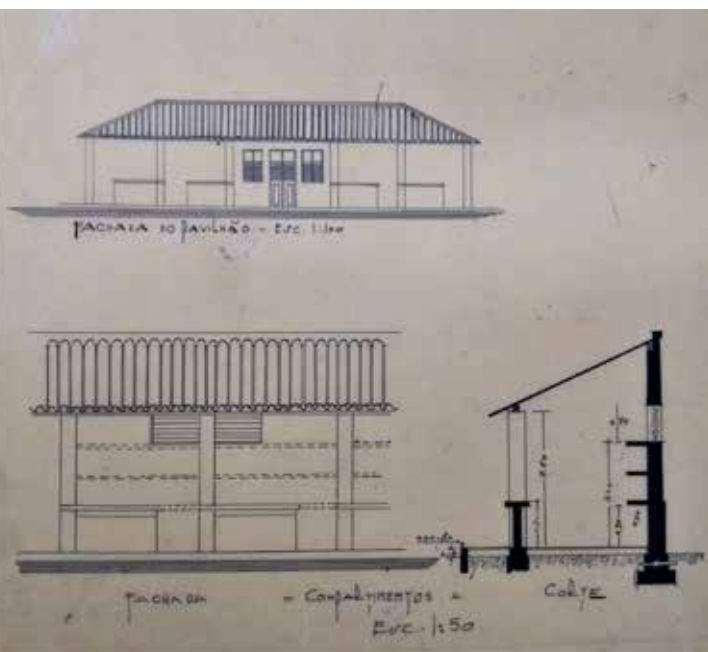
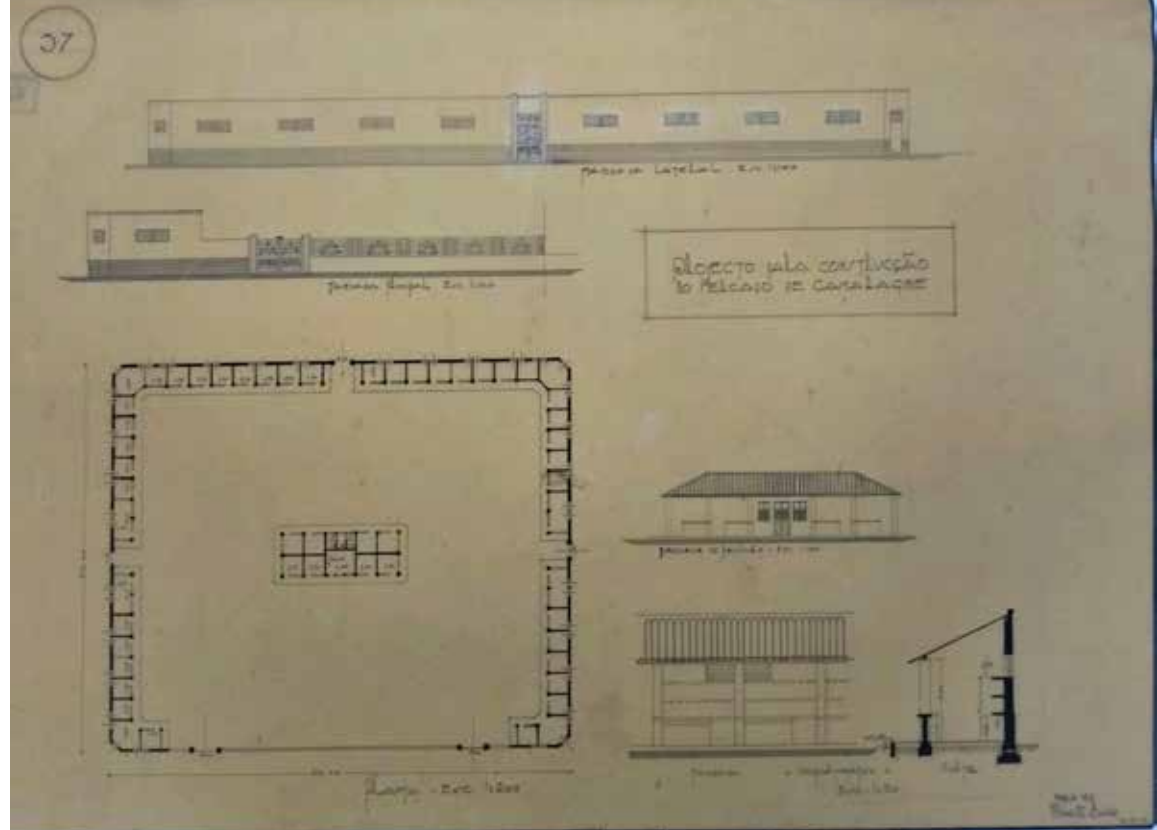
Em 1944, foi construído o Mercado Público, que teve, no ato de sua inauguração, uma missa celebrada pelo capelão da Fábrica e a presença de autoridades, como o então interventor do Estado, Agamenon Magalhães.

Em 1958, em meio a uma crise financeira, parte das ações da CIP foi vendida para o neto de Carlos Alberto de Menezes, Antônio Carlos de Menezes. Por sua experiência no setor empresarial, Antônio Carlos de Menezes impulsionou o processo de modernização da CIP, transformando-a em um projeto ainda maior, originando o grupo CIPER, composto pela Cia Industrial Pernambucana (a Fábrica de Camaragibe), Cia Agro Fabril Mercantil (empresa de confecções de cama, mesa e vestuário masculino e Cia Agro Pastoril São Vicente (localizadas em Delmiro Gouveia), Cia Imobiliária de Camaragibe e União Nordestina de Fiação S/A - UNIFI-SA, ambas localizadas em Camaragibe.

O impulsionamento modernizador da década de 1950, chegou ao limite durante a década de 1970, que, apesar de a CIPER ter resistido perante a um cenário de fechamento de indústrias têxteis, os investimentos realizados provocaram dívidas que na década seguinte impossibilitou a continuação da empresa. Por motivos de doença, Antônio Carlos de Menezes se afastou da direção da empresa, em seu retorno, o contexto era de crise e caos, situação que o impulsionou a cometer um suicídio em 10 de maio de 1983.

Em 1987, a fábrica foi vendida transformando-se em Fábrica de Tecidos da Braspérula ou, como ficou conhecida, Fábrica de Linho da Braspérula. Alguns anos mais tarde, em setembro de 2001, foi vendida em leilão judicial ao grupo francês VIVALIN, então fornecedor da Fábrica, desta vez ganhou o nome de VIVABRÁS. Com outras perspectivas de uso do espaço, que por sua própria história guarda parte vital da memória de Camaragibe, um grupo de construtoras intituladas “Reserva Camará” compra a área da Fábrica e suas adjacências que constituem a parte construída da Fábrica de Tecidos e fragmentos de mata atlântica. Esta última empreitada projeta a construção de um complexo multiuso, onde encontra-se já em funcionamento o Shopping Camará inaugurado em maio de 2018, tendo iniciado suas obras em 2015.

Em pouco tempo residindo em Camaragibe, Bianor Mendonça Monteiro tornou-se funcionário da Fábrica. Sua relação com o trabalho era tão intensa, ao ponto de reconhecer os possíveis eventos que ocorressem no interior dela a partir de seu apito, conforme nos narra sua filha Teresa Cristina,



Planta do mercado público de Camaragibe (PE)

Detalhe da planta do mercado público de Camaragibe (PE).

Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE

Bianor escutava o apito muitas vezes com um sorriso nos lábios e algumas vezes, dizia: - Está havendo algo errado! Eu perguntava? Como sabe: O apito mudou de entonação. Certa vez após a fábrica apitar e o apito parecia desfalecer ou sumir, eu o vi sair muito rapidamente em direção a fábrica. E falei: Não está ainda na sua hora! Ele respondeu: Está acontecendo alguma coisa estranha. A caldeira pode explodir! E partiu em direção à fábrica.

Na Fábrica, iniciou seu trabalho no chão, enquanto operário. Com o passar do tempo, a aquisição de experiência e desenvolvimento de habilidades alcançou a função de técnico de custo, sendo responsável pela programação e controle dos custos. Apesar de feito apenas até o quarto ano primário, sua dedicação ao estudo o transformou em um autodidata com habilidades tanto nas áreas de línguas, sendo ele poliglota, falava fluentemente francês, inglês, alemão e espanhol, como também, conhecedor das atualidades e dos saberes matemático e de engenharia, sendo, por isso, solicitado para realização de palestras e intermediações para a Fábrica de Tecido de Camaragibe, onde assumiu um cargo na diretoria. Teresa narra um episódio que aconteceu na Fábrica, que demonstra tal habilidade,

Em um determinado momento aconteceu um problema que os tecidos estavam apresentando uma falha, e houve por conta desse problema uma reunião dos diretores e chefes de setores, onde foi mostrado a forma como ficava o tecido após



Cartão de visita de Bianor
Mendonça Monteiro.

Fonte: Arquivo Pessoal Bianor
Mendonça Monteiro.

sair da esteira da sala do pano na tecelagem. Quando o pano foi mostrado e visto o local onde estava havendo o desgaste do mesmo, Bianor fez alguns cálculos e disse: Sei qual a peça que está dando problema. O senhor Antônio Carlos perguntou a ele: -Como? Bianor mostrou os cálculos e todos desceram para a sala de pano verificar a situação. Bianor com o papel dos cálculos feitos em mãos saiu mostrando cada peça e dizendo: Aqui passa. Aqui também passa, até chegar onde havia detectado o erro e disse: Esta aqui não passa. O erro deve estar aqui, nesta peça. A peça foi retirada revisada e o pano saiu sem defeitos.

Então, ele fazia como diz “programação de controle de custos”. Então ele sabia tudo, era preço, era valor, era tempo, o tempo que aquilo ia ser consumido ou não. Então, era um trabalho, e isso ele fazia calculando, ele adorava trabalhar calculando naqueles papelzinhos quadriculados. Como é que chama aquele papel? Tem um nomezinho que são as folhas grandes, ele começava a calcular, [?] de espaço e ele saía calculando. Era admirável a capacidade dele com a matemática. (Teresa Cristina)

Realizar palestras para a Fábrica e intermediações o fizeram também aproximar do cenário político local. Ele também passou a escrever discursos para políticos locais,

Ele escrevia, as vezes, a oratória de um prefeito porque era amigo, aí os outros vinham pedir ele fazia por escrito. E ele tinha um dom maravilhoso da oratória sem precisar tá olhando pro papel. Ele não se fixava no papel pra saber o que tava dizendo, ele simplesmente ia falando. E eu percebi o seguinte, eu cheguei até ir para alguns no Guarany, a plateia lotada, ele palestrando lá na frente em peso ficava, assim, perplexo com a oratória dele, sabe? Aplaudia, aplaudia, todo mundo levantava. Ele tinha uma oratória excelente. E ele fazia as coisas muitas vezes no improviso. Agora, muitas vezes Lapenda chegou pra pedir pra ele escrever discurso pra ele e ele fazia (Teresa Cristina)

De início, participou de comícios a favor da candidatura de Lapenda. Porém, já na década de 1980, quando borbullhada em Camaragibe o sentimento de independência para desvinculação de São Lourenço da Mata, Bianor participou ativamente da campanha de Arnaldo Guerra contra Carlos Lapenda. Enquanto que em Camaragibe o sentimento predominante era de independência, São Lourenço, em contraponto, promovia, desde décadas que antecederam a independência uma campanha pela permanência da anexação, como vemos no artigo publicizado no jornal A Hora, datado de 1951.



Sua atuação na política é registrada também, em sua posição como membro efetivo no diretório distrital do Partido Social Democrático (PSD), de modo que sua posição se aliava proposta política do governador Agamenon Magalhães e seus sucessores, Antônio Torres Galvão e Etelvino Lins, vinculados ao PSD, além, também, do futuro presidente Juscelino Kubitschek.

A Fábrica constitui em um importante elemento na história da cidade de Camaragibe, bem como na história de seus moradores. Por isso, compreender a influência e atuação na cidade, especialmente no bairro Vila da Fábrica, é necessário para entender as relações que ali se estabeleceram, as trajetórias vividas naquele cenário. Evocar a memória de Bianor Mendonça Monteiro, sendo funcionário e morador da Fábrica e da Vila, requer, impreterivelmente, evocar as memórias e vivências de pessoas que compartilharam com ele o bairro, o trabalho e os carnavais.

A independência de Camaragibe (parte 1), Jornal A Hora

A independência de Camaragibe (parte 2), Jornal A Hora
(13/05/1951)

Fonte: Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano - APEJE

Documento do Partido Social Democrático (pág. seguinte)

Fonte: Arquivo Pessoal Bianor Mendonça Monteiro.

Partido Social Democratico

Diretorio Distrital de Camaragibe

Secretaria em 30 de dezembro de 1953

Oficio N.º 001

Ilmo. Snr. A QUEM INTERESSAR POSSA:



Saudações:

O portador deste, Snr. BIANOR MENDONÇA MONTEIRO, brasileiro, casado, com 42 anos de idade, eleitor na 13ª. Zona Eleitoral, Municipio de São Lourenço da Mata, residente em Camaragibe e cuja fotografia se vê ao lado devidamente autenticada, membro efetivo do DIRETORIO DISTRITAL do PARTIDO SOCIAL DEMOCRÁTICO de Camaragibe, conforme consta nos termos do livro de atas, estando, desta forma, autorizado a tratar dos assuntos concernentes aos interesses deste DIRETORIO DISTRITAL.

Camaragibe, 30 de dezembro de 1953.

Luiz F. Costa
Presidente do P.S.D. Municipal.

Fraternalmente:

Abelmaria N. Costa
Secretaria
Bianor Mendonça Monteiro



A VILA DA FÁBRICA: "O APITO
DA FÁBRICA DETERMINAVA A VIDA
DAS PESSOAS"¹

O bairro foi construído e desenvolvido para atender às necessidades cotidianas das famílias de trabalhadoras e trabalhadores. Havia o armazém da Cooperativa (além do armazém da Fábrica, item número 7c do Quadro 1), também chamado de Barracão, que abastecia as necessidades alimentícias; a padaria, que destinava sua mercadoria na venda do Barracão; consultório médico; uma capela e, para os filhos e as filhas, haviam duas escolas: uma destinada aos meninos, a Escola dos Irmãos Maristas, outra às meninas, chamada Escola das Irmãs, ambas foram construídas nos primeiros anos de funcionamento da Fábrica. Nas duas escolas, os alunos e as alunas recebiam a farda da Fábrica, uma saia ou calça azul e uma blusa branca, além da merenda escolar, ela seguia o programa escolar adotado pelo Estado. Helena e Zeza lembram do rigor exigido quanto ao fardamento,

Eu estudava pela manhã, escola mesmo da fábrica mesmo, naquela época era muito mais rígida porque tinha a questão do fardamento, a gente tinha que ir bem arrumada.[...] Era saia, saia pinçada, assim pregueadas. [...] É aquelas pregui-nhas, mas às vezes mamãe ainda colocava um jornal em cima pra engomar, passar o ferro pra ela ficar bem arrumadinha, sapato e meia, e na blusa branca tinha um bolso que tinha o nome da escola.

Também, tinham o funcionamento durante os turnos diurnos e noturnos, sendo o noturno destinado aos operários com menos de 35 anos de idade, e às operárias solteiras e com idade menor que 20 anos. O critério de idade reduzido às mulheres (20 anos) remete a um aspecto da cultura conservadora camaragibense, em que, predominantemente, as mulheres acima de 20 anos estariam casadas e, ao invés de estudar, deveriam limitar-se aos afazeres domésticos, como observamos em nota intrigante do relatório, “entregar-se livremente aos afazeres do lar” (PERNAMBUCANA, 1908, p. 31, grifo nosso). Além, também, de saírem meia hora antes das refeições principais, justificado pelo mesmo motivo.

A Escola dos Irmãos Maristas teve a direção dos padres franceses e holandeses, que também ministravam algumas de suas disciplinas, mas que agiam conforme as normas do diretor Carlos Alberto de Menezes, fator esse que impulsionou muitos conflitos entre os padres e o diretor. Sobre a estrutura dessa escola, nos informa o relatório:

Escola do sexo masculino. É um grande sobrado tendo na parte anterior do andar terreo duas vastas salas em angulo recto com diver-

sas separações moveis. Ahi funcionam as differentes aulas do curso primario. O fim d'esta disposição é poder obter-se facilmente um local para as festas das mesmas escolas. A parte posterior do pavimento terreo e a parte superior do edificio formam a moradia dos professores. Em frente ao edificio existe um pateo de 650 metros quadrados, todo rodeado de grade e arborizado, onde reúnem-se os meninos nos intervallos das aulas. Ha mais 5 latrinas com caixas d'agua de descarga em automatica (PERNAMBUCANA, 1908, p. 27).

A Escola da Corporação Operária, comumente chamada de Escola das Irmãs da Sagrada Família, atual Escola Municipal José Collier, funcionava a escola infantil, com crianças de 2 a 6 anos de idade, e a escola das meninas, teve como primeira professora Dona Felipinha Regueira, que logo foi substituída pelas irmãs. Em maio de 1902, chegaram em Camaragibe sete irmãs francesas da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, à convite de Carlos Alberto de Menezes. As irmãs também atuaram tanto nos serviços de direção, como na docência em salas de aula. Nos informa o relatório sobre sua estrutura,

Escolas infantis e do sexo feminino. Occupam 3 predios construidos n'uma mesma linha, com intervallo de um a outro, e inteiramente cercados por um muro que forma 2 pateos internos. A parte central é occupada por um sobrado reservado a moradia das professoras. O predio a direita d'este é um salão de 128 mestros quadrados tendo ao meio uma divisão movel e aolado uma varanda. Independente do edificio estão 3 latrinas com descarga d'água automatica. Ahi funciona a escola infantil. O terceiro predio a esquerda é um salão identico ao descripto acima, dividido ao meio por uma parede de alvenaria. Tem tambem 3 latrinas em iaguaes condições. Ahi funcionam as escolas primarias (PERNAMBUCANA, 1908, p. 28).

Os trabalhadores e trabalhadoras da Fábrica tinham obrigação de manter seus filhos e filhas na escola. Tal imposição correspondia uma das medidas pensadas e impostas por Carlos Alberto de Menezes que, idealizou a construção da Vila da Fábrica pautados em fundamentos religiosos e sociais. Os filhos de operários que completassem a instrução primária de forma satisfatória tinha o direito de ingressar na Fábrica na condição de aprendiz. Após um tempo, o aprendiz realizava um exame e, caso passasse, assumiria o cargo de operário.

Com o passar do tempo, após a metade do século XX, os meninos e as meninas passaram a estudar numa mesma sede, no prédio localizado na Avenida Pierre Collier. No entanto, o rigor exigido pela escola ainda se mantinha, como lembra Bruno, que estudou durante a década de 1980,

Comecei da primeira série até a oitava série aí, recebia todo material, fardamento. Era uma exclusividade pra quem era realmente dos funcionários aí da fábrica.

Bruno também relembra que, tendo em vista que a escola era exclusiva para filhos e filhas de operários, era raro alunos e alunas novos/as na escola,

A fábrica ela proporcionava essa qualidade do ensino pra quem tinha parente trabalhando nela, então tinha aquele horário, a gente chegava cedo, que era um mar de aluno perto da fundação a escola, a Collier e todo aquele tempo ali a gente estudou um período de manhã e de tarde a gente sempre via as mesmas caras todos os anos era difícil encontrar uma cara diferente, porque não tinha abertura para outras pessoas sem ser filha de alguém que trabalhasse na fábrica pra estudar.

Como atividades escolares, em datas festivas os alunos e as alunas realizavam apresentações de caráter lúdico e religioso cristão católico. Como nos diz Marinho, sobre as apresentações do coral dos alunos e das alunas das escolas e de operários, que também participavam do grupo:

Tinha também o coral, da escola aqui com a fábrica, com os funcionários, da qual eu fiz parte também. A gente ensaiava é, quando terminava aqui o expediente aqui de manhã aí os alunos que iam pro coral desciam pra fábrica [...] Chegava uma época dessas no Natal e apresentava aqui na fábrica, na escola, no Shopping, que a gente foi no Shopping também se apresentar numa galeria lá no Recife. E uma vez a gente estudando, chega pai com a câmera, filmou todas as salas da escola, os professores, filmou a gente, entrou na sala da gente, filmou a gente estudando.

A religião Católica era um aspecto forte e predominante entre as pessoas trabalhadoras e moradoras da Vila da Fábrica. Integrando o projeto de Carlos Alberto de Menezes, que acreditava na religião como um “meio de moralizar as classes menos favorecidas” (MENEZES, 1900, p. 132), o catolicismo era condição necessária para a conquista de emprego nos primeiros anos de funcionamento da Fábrica.

Carlos Alberto de Menezes, ele construiu, ele era tão religioso, tão fanático, pode-se dizer, que ele construiu dentro da própria fábrica uma capela e ele disse que se Jesus não tivesse presente junto aos operários, não podiam ser abençoados e não podiam progredir. Tanto que dava 5 e meia da manhã, o primeiro grupo de trabalhadores iam pegar de 6 horas da manhã, 5 horas começava a missa. E eles vinham, os operários antes de trabalhar iam assistir a missa. (Seu Borba)

Quase todo dia tinha missa. O chefe da gente é quem dizia.[...] E quando saía da Fábrica tinha que ir pra missa. Não vinha simhora pra casa não. Tinha que assistir a missa dentro da igreja, aí depois podia ir. Antônio Carlos chegou, que começou, aí acabou com a igreja da fábrica e... acabou com igreja de dentro da Fábrica e foi quando começou fazendo a Igreja Católica.(Seu Renato)

Mesmo com a morte de Carlos Alberto de Menezes, em 1904, a cristandade permaneceu como forte modelo religioso e moral. Para além das missas diárias, a Fábrica também promovia eventos de caráter religioso para comunidade ao entorno, sobre os eventos que aconteciam na Gruta, Dona Lau nos explica, “era uma encenação, dessas cenas natalinas, desses episódios tipo presépio. Ela chama de quadro vivo.”.

É importante salientar que a relação entre a Igreja Católica e empresários fabris não se restringiu ao caso de Camaragibe, ou de Pernambuco, muito menos do Brasil. A presença da Igreja Católica no seio da produção fabril parte de uma preocupação existente na Europa, tida como uma forma de renovar o poder da Igreja degradado pela Revolução Francesa e Revolução Industrial. Por meio da encíclica *Rerum Novarum*, assinada pelo papa Leão XIII, a Igreja estreitou os laços com a elite brasileira, apresentou sua posição perante à relação patrão e empregado, indicando a criação de corporações para que essa relação fosse mais amistosa. A posição da Igreja buscava atender a boa relação com os patrões, a partir da defesa da propriedade privada e da oposição ao socialismo, como também, se mostrar solidária às necessidades dos trabalhadores, tendo em vista a preocupação em manter o maior número de fiéis crentes à Igreja (LIMA, 2012).

As ruas do bairro, arborizadas pelas castanholas e figos, eram espaço de convivência para os adultos e também, para as crianças, que passavam os horários opostos ao da escola brincando umas com as outras. As crianças meninas brincavam com as sementes dos figos, faziam colares para as bonecas já os meninos, pegavam as folhas e criavam uma espécie de apito, fazem

do barulho pelas ruas da Vila para irritar os adultos. As meninas brincavam de passar anel, bonecas, enquanto que os meninos, jogavam bola, com castanha de caju ou bolas de gude. Também, brincavam de cirandas de roda, nas quais tinham cantigas como Ciranda Cirandinha, Passarás Passarás, Dança da Carranquinha, O Cravo e a rosa, Capelinha de Melão, Eu sou rica rica rica, entre outras. Seu Borba nos relata que, a partir de 1957, quando foi instalado a energia elétrica na cidade, as noites passaram a ser iluminadas pelos postes, as ruas passaram a ter vida noturna, com andanças e brincadeiras.

A noite a gente brincava muito, a gente juntava os amigos da escola e vamos ular, brincar de barra bandeira, de esconde-esconde, de.. de.. tinha muitas brincadeiras interessantes. E as meninas sentavam tudo na frente das casas e era brincar de ciranda, cirandinha, era contar história, era passar anel, era brincadeiras bem Intel... interessantes e bem... sei lá, ligadas aquelas coisas da época. Quando não era isso daí, era pião, era já bem mais adiante o pessoal trabalhar com ferrinhos, com bolas de gude, quando não tinha bolas de gude, a gente fazia com castanha de caju, na época e era muito bom, era a vida pacata da época, não tinha confusão, não tinha assalto, não tinha nada.

Quanto às crianças meninas, se lembram Dona Lau e Helena,

No tempo da minha infância era pra brincar de boneca, brincar de bombadão, como é que é, academia, como é? brincar de corda, de noite, de anel. [...] Não, aqui mesmo com as minhas amiguinhas, brincar de boneca, fazer casamento, batizado, aniversário. (Dona Lau)

Ficava brincando muito, e eu brinquei muito de babadão, brinquei muito de espião. [...] A gente fazia mesmo um risco, fazia o tipo do babadão que pra gente era o pau do babadão e jogava com a pedra, saía pinotando fazendo aquele movimento de acordo com a estética que tava no chão.[...] Eu tava vendo nem o dela é parecidíssimo, depois talvez agora seja uma amarelinha e antes era o babadão, e jogava a pedra até lá no final, uma pedra feito um quadradinho, um caco de telha, aí pinotava, saía pinotando com um pé só, boneco saci naquele tempo já viu, aí quando chegava nessas duas partes maior aí botava os dois pés, voltava e fazia novamente, brincou muito disso, depois saía assim com pé só, era muito engraçado. [...] Eram, só meninas! Pular corda. [...] Tinha hora pra sair, tinha hora pra voltar. [...] Era grande e crescia, tinha umas bolinhas que o povo tirava, a gente tirou muito essas bolinhas fazia colar, fazia pulseira, enfiava

com agulha feito negócio de índio aquelas sementes, a gente fez muito colarzinho essas coisas, entre as meninas mesmo com a gente.(Helena)

As ruas, praças e clubes são referências das vivências de sociabilidades dos adultos e das crianças. Na atual Avenida Doutor Pierre Collier, em uma extremidade localizavam-se as melhores moradias, na outra, encontrava a Escola das Irmãs, atual Escola Municipal José Collier. A residência de Bianor está localizada ao lado da praça do Guarany, que fica em frente ao Cine Teatro.

Ao lado do Guarany havia o cinema. O cinema funcionava aos sábados e domingos, conforme seu Osvaldo, que ainda traz na memória alguns dos filmes e seriados vistos, como Águia Branca (original, White Eagle). Conforme seu Osvaldo, o valor de entrada era simbólico, “*o equivalente a um real hoje*”. Tendo em vista que era um equipamento da Fábrica para a servir de entretenimento aos moradores e moradoras da Vila.

Os funcionários da Fábrica formavam times de futebol vinculados aos clubes Guarany e Penarol. O Guarany Sport Clube foi fundado em 1920, enquanto que Penarol Esporte Clube em 1945. Seu Renato, que também foi diretor do Clube Guarany, fala de como durante os treinos liderados pelo técnico do time do Guarany Ramiro, treinadores de times como Náutico e Ibis vinha tentar persuadir alguns dos jogadores à mudança de time. Todavia, o vínculo com o time de futebol ia além do esporte, mas era estreitado pela relação de trabalho na Fábrica. Também a distinção de classe era evidente, Seu Renato nos diz que na entrada do Penarol havia um aviso aos jogadores “*branco todos, morenos alguns, negros nenhum*”, de modo que os jogadores se associavam ao clube conforme sua função na fábrica, os operários eram integrados ao Guarany, enquanto que os diretores ao Penarol.

cido (Para o amigo S)

de intrepidas forua
escabornas da exist
modelissima inlemãna
tempestades prolonga

os pés nas pontas
os fatais da exper
as mãos na
das paicoes dese

dentadiss trafeto,
ca do carinho d'
ção sacrifique seu

em todas as lutas
a-me a emoção
paciência bíblica

Zimmo

AMOR E MELANCOLIA EM TRAÇOS POÉTICOS

Teu Verso

Este verso que escrevo, minha amiga,
pertence-te. Conserva-o por lembrança,
É triste. Não tem arte. E não alcança
o mérito banal de uma cantiga.

A amargura fatal que me fustiga
o pobre coração, que não descança,
doi como um golpe de afiada lança
e a escrever-te cousas tristes me obriga.

Sou um cantor dolente da saudade.
Na desventura desta soledade
em que vivo, sempre te bendigo.

Pagando o meu tributo à natureza,
morrerei tranquilo, com a certeza
que este meu verso viverá contigo.

Pranto da Saudade

O mundo é muito triste: -Tudo chora...
A vida é saudade e melancolia...
Eu preciso matar esta agonia,
esmagar esta dor que me devora.

Sei que o pássaro que gorjeia, ôra:
-Não costuma cantar só de alegria...
Percebo no seu canto a nostalgia
sentimental de quem amor implora.

Talvez o pranto até produza a cura...
A própria fera chora na espessura
de seu esconderijo, sem maldade...

As núvens choram enfeitando os ares...
-Lágrimas de luz, são prantos de luazes...
-São os meus versos, prantos de saudade!

A dedicação autodidata de Bianor para o estudo voltava-se também para leituras estimuladas pela paixão a arte e literatura. Dedicava-se, especialmente à noite, a longas horas de leitura. Entre os autores brasileiros, sua biblioteca continha exemplares de Jorge Amado, Graciliano Ramos, Machado de Assis, José de Alencar, Euclides da Cunha, Castro Alves, Álvares de Azevedo. Dentre as obras estrangeiras, encontravam-se a escritores que compunham a literatura clássica de vários países, como William Shakespeare, Miguel de Cervantes, Victor Hugo, Balzac, Zola, Fiódor Dostoiévski, Gustave Flaubert. Para além de literatura, se debruçava na filosofia com a coleção “Os pensadores”, além de leituras religiosas, como Alan Kardec.

Foi, com a morte de sua primeira esposa, Emília Kuniski, acometida por um problema renal, que Bianor passou a se dedicar a escrever poesias. As poesias compõem o livro nunca publicado, mas que foi carinhosamente guardado pela família. Por meio das letras, Bianor expressou o amor e a saudade da esposa. Seu processo criativo estava mergulhado em emoções, a morte de Emília o despertou para a escrita, por onde retratou seus sentimentos e afetos, bem como a vida cotidiana da Vila Operária. Assim, foi a morte que evocou sua narrativa literária que tem como tema central, o amor, a melancolia, a saudade e a paisagem.

Teu Verso
Pranto da Saudade

Fonte: Livro de poesias de Bianor
Mendonça Monteiro.

Nosso Amor

Foi grande o nosso amor, por excelência:
-Amor puro, amor beijo, amor sorriso...
pra cantar nosso amor era preciso
das líras imortais toda dolência!

Raquel e Jacó- amor e persistência...
Foi tão bom nosso amor que o sintetiz,
grande, como o de Adão no Paraíso,
antes de pecar e após a inocência!

Fulgor de gema e irradiação de astro!...
Foste mais amada que Inez de Castro,
tal como Romeu à Julieta quiz.

Amor mais belo do que a luz da aurora!
Maior que o de Tasso e de Eleonora,
mais puro que o de Dante e Beatriz!...

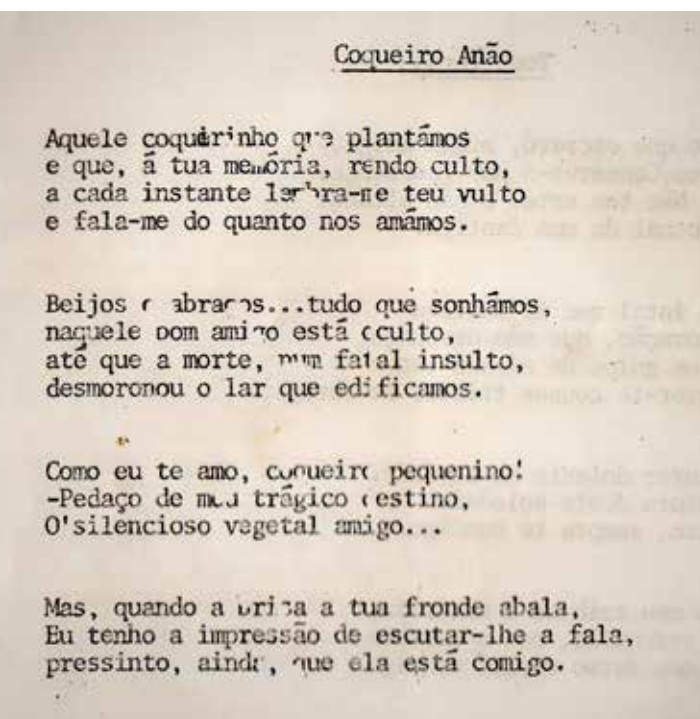
Ausência

Sinto-me só:- Está vazio o espaço
que ocupavas na casa, hoje, sombria,
onde tento matar a nostalgia,
e cuja confusão mais me embaraço...

Existe um "vago" enorme no terraço,
onde só tua cadeira está vazia,
e assim, há de ficar, dia após dia,
sem que ninguém ocupe o teu espaço!

Esmaga-me este "vazio" doloroso,
oriundo da fatal separação
daquele infausto dia lutuoso!

Da recente viuvez gela-me o frio...
Sinto vazio o próprio coração
e o nosso leito conjugal - VAZIO-!...



Coqueiro Anão

Fonte: Livro de poesias de Bianor
Mendonça Monteiro.

O coqueiro anão, plantado como símbolo da união entre Bianor e Emília, foi descrito em suas palavras.

Não só sobre saudade e sofrimento escreveu Bianor, sua poesia também expressou seu sentimento pela cidade de Camaragibe, como vemos no poema intitulado “Um”,

Camaragibe,
O coração me pede
Que o meu afeto, por ti,
Não se transmude...
Pois, desde que bebi
Água do açude,
Não sei, noutro lugar,
Matar a sede.

Poço da Prensa!
Poço da Jarra!
Poço
De Flamengo,
D'água limpa e fria,
De teu licor provém toda magia
Que prende à tua gleba
Desde moço.
Tuas águas prendem,
Como prende a Vinha
De cujo néctar a embriaguez dimana...
Água pura
Da cacimba da “Mãe Tana”!
Água de cristal da “Fontainha”!

Ouví, em teu frescor,
Os soberanos
Anseios
De minh'alma sempre triste...
E esta amizade
Que entre nós existe,
Já completou
Mais de sessenta anos

Ó terra boa do tempo de menino
Em teu ambiente
O meu viver se arrasta!
Presume até
Que essa união tão vasta
Influiu,
Fortemente,
Em meu destino.
Quando vontade exige,
Muitas vezes,
Vou refrescar-me n'água da "Cascata"
Gozo, um pouco, da placidez da mata,
Onde outrora se ocultaram os holandeses...

Não consigo esquecer,
Tenho certeza,
Da fértil uberdade
Com que, dava
O saboroso araçá
Que eu furtava
No "cercado" da velha baronesa.

Com muito zêlo,
Na memória guardo
Aquela casa do fim da ladeira,
Onde me levaram,
Pela primeira vez,
Pra cumprimentar Padre Bernado.

[...]

Camaragibe, eu te amo a tradição:
És uma força maior
Que me ausente,
Jamais te riscarei da minha mente,
Jamais te banirei do coração.
Depois de minha morte, essa desgraça

Que fatalmente no ser vivo atua,
Darão, talvez, meu nome a alguma rua
Ou erguerão meu busto numa praça...

[...]

Camaragibe, especialmente o bairro Vila da Fábrica, tornou-se então, cenário de suas poesias. As memórias das vivências, lugares e caminhos que compuseram sua trajetória, foram ludicamente evocadas em seus poemas, promovendo, em quem os ler, a imagem da cidade. A ladeira da gruta, lugar onde as festividades e eventos religiosos foram, e são, realizados foi bem retratada na poesia que leva seu nome.

Ladeira da Gruta

Ladeira da Gruta! O'v elha ladeira!
Quanto te quiz, minha ladeira amada...
Eu te transpunha, livre de canceira,
buscando minha jovem desposada!

Por ti, passei com ela engrinaldada
de mimosos botões de laranjeira;
por ti, desci co'a santa companheira
para levá-la à última morada...

Mas, hoje, que meu lar está deserto,
posso te assegurar, mto de perto,
que não me agrada perlustrar teus trilhos.

Só não te abandono imediatamente,
porque, se a minha esposa está ausente,
Inda te subo para ver meus filhos!...

Apesar do sofrimento ter sido o impulsionador, a paixão pela escrita o levou a evocar suas memórias. Personagens, lugares, estradas de Camaragibe tornaram-se elementos de sua composição poética, fazendo-nos criar a imagem de uma Camaragibe de outrora, cenário esse compartilhado por tantos moradores e tantas moradoras. Embora o cenário e a vida cotidiana da cidade tenha mudado com o passar do tempo, é possível encontrar na narrativa poética de Bianor, elementos que perduram até os dias atuais. O ritmo do bairro mudou, a leitura arquitetônica já observa mudanças nas fachadas e estrutura das casas, o uso dos espaços, os sons e as relações são frutos do tempo em que se vive, mas ao ler seus poemas podemos inferir os sentimentos de um outro momento, onde a escrita no papel ou na máquina de escrever tornava-se uma oportunidade de registrar o tempo presente. Por suas memórias e seus intentos, Bianor Mendonça é homenageado da cidade de Camaragibe, através do nome que empresta ao único Cine Teatro da cidade localizado na Vila da Fábrica, que requer atenção do município para que outras memórias e outras experiências permaneçam acontecendo neste equipamento de grande valor para a população camaragibense. Assim, seu nome não foi atribuído à uma praça, mas sim, ao único Cine Teatro da cidade, o que eterniza seu nome vinculado à atividade que contribuiu para seu desenvolvimento.



SOCIABILIDADES: ENTRE
CANTORIAS E CARNAVAIS



Rosicler e filhas.

Fonte: Arquivo Pessoal Bianor
Mendonça Monteiro.

Passado o luto, Bianor se casou com Rosicler Medeiros Costa Monteiro, juntos, tiveram três filhas: Teresa Cristina, Maria Lúcia e Sandra Helena. A família de Rosicler também tinha afeição às artes, seu tio, o violonista Alfredo Medeiros, compôs canções solo, entre elas, “Dança Nordestina”, “Choro Triste”, “Iracema”, “Único Amor”, “Choro Íntimo”, “Chico Cambiteiro” e “Maracatu”. Também, em parceria com compositores renomados, como João Pernambucano, com a canção “Chôro”.

O convívio entre Bianor e os moradores do bairro incentivou uma relação de apadrinhamento, Teresa nos diz que ele tinha muitos afilhados, tanto que quando andava nas ruas a criançada pedia a bênção “*por todos os lados*”, e, segundo Seu Borba, “*todo mundo gostava dele, ele era uma pessoa bem social.[...] gostava muito de andar de roupas todo elegante... tinha um vozeirão, conversava muito...*”. Ele era visto como um homem elegante e culto, sua imagem estava sempre relacionada ao violino. A memória do som de sua varanda é viva para quem morava nas proximidades de sua residência, como lembra Seu Borba e Jeane:

Então ele gostava muito de cantar, tinha uma voz muito bonita e ele saía a solando e cantando também música e o pessoal acompanhando e.. As vezes ele parava na frente da casa dele e como era um primeiro andar e ficava na janela tocando violino, aquelas músicas que o pessoal gostava muito e às vezes ele cantava também. A esposa dele também cantava. (Seu Borba)

Porque toda noite, no final da noite 9, 8 horas que era a hora que a gente tava se preparando pra dormir, chegando da faculdade, ela estava ouvindo música. O silêncio da rua fazia-me ouvir, até porque meu quarto ficava de frente, era um tipo de janela que dava pra gente abrir um pouquinho e ouvia muito as músicas de Maria Bethânia, eu tenho uma grande admiração por Maria Bethânia e acho que vem daí. No outro dia eu ficava perturbando com ela “Rose, passou a noite



Violino de Bianor Mendonça Monteiro

Imagem: Produção de Josivan Rodrigues

ouvindo Bethânia, num foi” e a gente foi se aproximando.(Jeane)

O som do violino de Bianor significava, também, a segurança do bairro. Jeane nos conta que durante sua época de estudante universitária, devido à insuficiência de transporte público para o bairro da Vila da Fábrica, ela caminhava todas as noites de Aldeia para sua casa, um trajeto escuro e pouco movimentado. Ao chegar nas proximidades do Guarany, ouvia o som do violino e se sentia acalentada por chegar em seu bairro, o som do violino servia de acolhimento e conforto por chegar em casa.

[...] atrás do Guarany eu conseguia ouvir o som do violino, Seu Bianor estava na janela da casa dele aberta, muitas vezes de camiseta, outras vezes até sem camisa, o violino olhando o céu, o muro, não sei o que ele tava olhando, mas ele tava lá fazendo o som do violino dele, a música, que eu no momento confesso que eu não sei que me dá, não sei qual era a música, mas eu sabia que ele tava ali. [...] E a sensação de que ele estava me esperando. Podia nem ter sido, mas era assim que me sentia. Tava ali era um ser presente. E muita confiança para comigo, então quando eu passava, ele dizia “Oi filha, boa noite, tudo bem hoje, como foi o seu dia? E beijo” e corria pra casa porque também eu chegava cansada. (Jeane)

Parceiro importante, o violino que na vida adulta era um instrumento de lazer e de incentivo cultural, em sua fase idosa era o companheiro que o afastava da solidão, como diz Jeane,

A idéia de cantar era muito da pra tirar da solidão, era a segunda fase, quando Seu Bianor... encontrei meu pai, era a solidão e eu não entendia o que era solidão eu sempre dizia pra ele mas “nós estamos aqui”, não é a mesma coisa, porque aos poucos eles foram partindo não é? E o corpo foi se desfazendo pela partilha. E aí a partida isolou, acho que os últimos que ficavam foi Seu Bianor, meu pai mesmo na cidade, e hoje eu entendo, a solidão do tempo, dos amigos, de não estar só na sua luta, a solidão do movimento que eles tiveram atrás. (Jeane)

Era também conhecido por sua presteza às pessoas, Seu Chagas enfatiza de como essa relação com as pessoas o fazia de um sujeito solidário tanto com a família, como das pessoas que compartilhavam a vivência na Vila da Fábrica,

É como eu disse no início, ele ajudava quem tivesse necessidade na família ele sempre ajudou, como minha prima Sônia também, depois que ela teve um cargo

importante como na seção de pessoal ela também ajudava muitas pessoas, então não só pessoas da família como pessoas de outras né, que não fosse da família né então eles iam dentro da família ele tinha sim uma importância grande como se fosse um patriarca, certo, patriarca. então todos que necessitam de alguma coisa, ia a Bianor, e ele nunca deixou de ajudar. eu me lembro quando eu tava noivo, eu tinha comprado alguns móveis, e teve um mês que eu fiquei apertado pra pagar, fui falei com ele e ele pagou por mim. nunca quis o dinheiro de volta, era uma pessoa assim de coração enorme (Seu Chagas).

Bianor era aquele paizão, eu tinha ele como o pai que eu não tive, ele me ajudava assim, em todas as oportunidades que eu tivesse necessidade dele, ia lá junto dizia o que tava se passando e ele resolvia. então eu sempre o vi como uma pessoa assim, maravilhosa, logicamente que todo mundo tem defeito, ninguém é bom, a gente tem que conviver com as diferenças né, então ele também tinha os seus defeitos, mas o que ressaltava mais nele era as boas qualidades eram demais, a qualidade, ele é sabia ouvir as pessoas, sabia ajudar no que fosse necessário, certo, direcionar, ajudava sempre colocando aquela pessoa para frente, então se você queria ter uma boa sugestão você podia ir junto a ele que ele dava, entendeu, ele era assim. participava de tudo, ajudava quem precisava, ajudava os pobres, ajudava a família e sempre assim (Seu Chagas)

Outro aspecto a se destacar remete à influência e ao incentivo de Bianor para o desenvolvimento das habilidades artísticas, com o estímulo à pintura para Seu Chagas. Também, para o estudo e leitura, como conta Geane e Teresa,

Era muito bom e ele era aquela figura que chegava assim todo desconfiadinho assim, com um livro debaixo do braço assim, “que é que tu queres?” “É esse assunto assim”. Ele não só me referenciava como ele me levava a abrir os livros e me dizia “ta nessa página” e me dava requisitos, “isso foi em tal época... assim, assim...” a professora falou... e sempre me dava o antes e o depois [...] A biblioteca dele, biblioteca da família... Muitos livros... Um lugar próprio pra ler?... Cadeira grande que você podia... um birô, tudo o que eu não tinha em casa, tinha lá. E aí o que acontece? É, eu passo a visitar mais na busca do ler e do escrever e aí me traz matemática, ele me dá língua portuguesa, ele fala muito nesse período sobre a mãe do meu pai, vovó Antônia [...] Aquele homem que sempre segurava minha mão na hora que eu precisava na dúvida da escola, aquele homem me deu um pouco de português, matemática, me incentivou a ir a escola, que dizia pra mim que o que eu precisasse pra ir pra escola ele estaria ali. (Jeane)



Bianor e Rosecler

Fonte: Arquivo Pessoal
Bianor Mendonça Monteiro

*Ele fazia questão que a gente lesse, ele muitas vezes até dizia “olha, os livros de Machado de Assis”, e pra mim ele dizia “leia Graciliano Ramos”.
(Teresa Cristina)*

É lembrado como um sujeito caricato. Entre amigos costumavam contar charadas e anedotas, como nos disse Teresa Cristina, “e sabe outra coisa que eles gostavam? De piadas. Eu nunca vi contarem tantas piadas, tantas anedotas e charadas” e Seu Borba, “era muito animado, contar piadas, anedotas, ele gostava muito de palavras cruzadas não meu deus, era provérbio não, era uma coisa que você diz...-charada”. A charada também era uma brincadeira presente nas festividades da Fábrica, era dita em momentos de sorteio, quem acertasse adquiria o brinde, que geralmente eram cortes de tecido. Muitas vezes, Bianor foi o responsável pela elaboração dessas charadas.

O bairro Vila da Fábrica era um cenário de acolhimento, trabalho e lazer. A praça do Guarany, localizada em frente ao Clube Guarany, era palco para as mulheres passearem acompanhadas umas das outras, era também, passagem para a ida ao clube e ao cinema, que ficava ao lado do clube. Seu Borba e Dona Luiza nos contam sobre os passeios entre as mulheres e os flertes dos rapazes,

As moças na época se juntava o que? Em torno de umas quatro, cinco moças, tudo de braço uma com a outra, rua acima rua abaixo, na frente do Guarany pra lá e pra cá, isso tudo conversando deixando toda as conversa delas em dia com ela e os rapazes pra namorar era meio difícil ficava tudo de longe olhando, “olha, olha, olha...” uns três rapazes ficavam olhando também mas não podiam nem ter acesso. E quando tinha, era um mais corajoso pra chegar pra se declarar era difícil demais. Mas depois que se declarava tinha um problema maior, era o pai e mãe pra saber se o pai e mãe queria, se o pai e a mãe deixasse, tudo bem, se não deixasse podia cair fora... (Seu Borba)

“Passear era o seguinte. Juntava era duas, três amigas, de braço uma com a outra, ia até lá no fim da rua depois voltava até, vinha aqui, voltava pra lá... batendo papo, somente. É... Passeava, ia pra lá num certo tanto da rua dePois voltava até cá, daqui voltava pra lá e ficava assim, conversando e passeando. (Dona Luiza)

O Clube Guarany e Penarol garantiam o entretenimento dos finais de semana. Bailes e festas ocorriam tanto em datas comemorativas, como o carnaval, quanto seguiam a programação própria do Clube.

O lugar, bem... Eu quase me criei dentro do Guarany. Não perdia um baile do Guarany. Sempre que tivesse eu tava lá, carnaval então... não saía do Guarany. De dia de festa, o Natal. Ia na festa, passeava um pouquinho, depois da meia noite tinha baile no Guarany, aí as moças vinham tudo pro Guarany. [...] Tinha orquestra, as vezes era só disco, que eles passavam, mas, sempre tinha. [...] Tinha bolero, tinha samba canção. Tinha valsa. (Dona Luiza)

No Guarany mesmo, quando começou... as damas ficavam de um lado e os cavalheiros ficavam do outro. (Seu Renato)

O Clube, que completa neste corrente ano seus 99 anos de idade, foi ambiente marcante na vida social do bairro e da cidade que permanece em funcionamento através de novos usos e enredos que permanecem atraindo jovens e adultos às suas dependências. Sua estrutura ampla, possibilitou que eventos de diversos tipos ocorressem no lugar, desde shows, bailes, teatro, espaço para ensaio e aulas. Sua longa trajetória atravessou a história de vida de muitos moradores e moradoras, Helena e Zeza se recordam dos momentos festivos, que marcam as sociabilidades através de serestas, festas, carnavais, entre outros eventos que colocam o Clube em lugar de destacada afetividade entre os moradores da Vila da Fábrica. Vejamos:

Antigamente a gente ficava aí até alta das horas, mas às vezes ia pro Guarany para as festividades, a gente andava muito de braço uma com a outras de braços, não era nem pra se perder era questão do hábito mesmo, o povo se arrumava muito. [...] As mulheres andavam muito de braços uma com a outra, eu não sei por qual motivo, mas que se andava muito de braço, já tinha aquele padrão, já tinha aquele par de você andar. (Helena)

Assim, eu acho que seus 20 anos, eu fui muito, eu fui pra aniversário do Guarany, às vezes pedia a papai e ele não deixava mais eu me organizava, saía escondida e ia, mais assim, era só na festa mesmo na dança, aquelas músicas tradicionais né. No aniversário o pessoal se arrumava muito, tinha roupa pra poder não entrar de qualquer jeito, os carnavais muito bom, muito bom mesmo ainda tenho recordação. (Zeza)

Acho que onde você passar aqui todo mundo comenta que era muitas festas, e era muita gente na rua, o povo divertia pra lá e pra cá, vinha muitos conjuntos bons tocando, trepidante, águia seis, vieram muitas festas boas pro Guarany naquele tempo, muitas festas. (Helena)

Acho que era nesse movimento como eu falo desfile que tinha o povo, se apontava tudo, final de semana aqui não precisava ir procurar nada não, somente o passeio aqui lá e cá, vinha do Guarany passava aqui na porta, entrava nessa rua, era aquele frevo os carros de som, carro de pessoas mesmo tudo tocando, tudo agitado. Vinha muita gente de fora pra cá, aqui tem muito casais que é casado, que é casado com pessoas daqui, filho natural daqui, vinham de fora pra cá, Guarany e o Penarol era tradição lá fora, que lá fora não tinha né. Naquele tempo existia assustado né, o pessoal aniversariava aí fazia um assustado, aí tinha muita festa aí no Penarol que tinha luz negra, cada um que procurasse botar roupa mais detalhada de cores neutra pra sobressair lá né, aí ficava só tudo inspirado, tudo dançando e a luz só lá, fazia questão de vestir uma roupa branca que era pra se destacar, mas a gente curtiu muito, dentro da medida do possível eu tenho muitas recordações boas. (Zeza)

Os bailes, reservados aos jovens e aos adultos, eram momentos de lazer e distração. As músicas e as danças embalavam as noites onde os casais se enamoravam e outros tantos poderiam se formar. As relações de gênero se estabeleciam através de códigos de condutas próprios que desenhavam o lugar do homem e o lugar da mulher nas festas públicas do Guarany. Não só, também estava subscrito as relações de parentesco, de família e casamento nos enlaces festivos que ocorriam no Clube. O convite para a dança era algo muito importante e que exigia postura e respeito às regras. Assim, nos relata Dona Luiza:

Não podia cortar cavalheiro. Vamos supor: se eu fosse um rapaz, fosse chamar você pra dançar, você não ia dançar comigo, mas, dizer assim, ele chamar você ia, aí você já não dançava, nem ele.[...] Não. Eu chamava você pra dançar, aí você não ia, aí ele vinha, chamava você, aí você ia, aí já não podia dançar. [...] Aquela música ali você não quis dançar também não ia dançar com outro. [...] Agora, se era namorado ou casado também não podia dançar com outro. Só podia dançar com o noivo, namorado ou marido mesmo. (Dona Luiza)

Dona Lau e Seu Borba recordam do bairro como cenário para festividades comemorativas, em datas como Semana Santa, São João e Ano Novo,

O ano novo, festa aí, essa praça da gruta era uma animação muito grande no tempo da fábrica que trabalhava, esses operários antigos, era uma coisa muito bonita. Oxen, tinha pastoreio, tinha bumba meu boi, tinha banda de música, né, tinha fandango, tinha essas coisas diferentes que hoje em dia nem vê mais, né?!

5 MIL PESSOAS ASSISTIRAM DESFILE

O município de São Lourenço da Mata, assistiu no dia 6 último, a um dos - mais concorridos desfiles carnavales - com, quando uma multidão calculada em aproximadamente 5 mil pessoas postou - se às margens da Avenida Doutor Fran - cisco Correia e permaneceu atenta às - exhibições das escolas de samba, troças ursos, bumba-meu-boi, maracatus e cabo olinhos.

Enquanto que na capital pernambucana o seu carnaval foi denominado "Nelson' Ferreira", este município homenageou o prefeito José Lapenda Filho. A comissão organizadora do carnaval, formada pelos srs- Paulo Bezerra de Souza, José Quirino de Freitas Filho, Eduardo - Manoel de Moura, Antonio Pontes, João' Veiga Filho, Francisco Honorato, e Antonio Vicente Fagundes, efetivaram - na ocasião do desfile o pagamento da 2a. parcela restantes às agremiações' carnavalescas.

A comissão julgadora dos desfiles - formada pelo jornalista Fernando Helo - no, Flávio Lapenda, Antonio Araújo Me - lo, Eduardo Moura Filho, Urbano Joa - quim, José Belmiro da Silva e o vice - prefeito Antonio Vicente Fagundes, de - ram a seguinte classificação- Ursos - Branco da Mocidade; Bumba-meu-boi - Estrela infantil; Troças - A pantera cor de rosa; Maracatus - Leão da Ja - queira; Clubes de rua - Aguador e na categoria de Caboclinhos, o Canindé, - conseguiu a primeira colocação.

O distrito de Camaragibe, viveu dias movimentadíssimos, às escolas de sam - ba Couro de Gato e Império do Samba, - deram um colorido especial, com seus' sambistas e batuqueiros, fazendo exi - bições constantemente ao público. No' desfile vale destacar a apresentação' dos Caboclinhos Tabajaras, que prova - ram ser os campeões na clas - se de 2a. categoria na ca - pital pernambucana.

ALO

[...] Era muito animado. Cavalo Marinho né, e os carrosséis né. Tinha aquelas barracas que a fábrica botava pra dar presente as crianças, dos operários. [...] Muita brincadeira tinha ainda, pelo natal, por ano, banda de música, tudinho. Era muito divertido. (Dona Lau)

Porque a vila aqui nos fins de semana geralmente eram festivos, existia o que? Na época de São João você não podia andar nas ruas, praticamente, de tanta fogueira. Era uma fumaça, era uma coisa. Todo mundo comprava milho, todo mundo preparava comida de milho, todo mundo se confraternizava. Quando era na semana santa aí era aquela mudança, o açude... a fábrica mandava fechar água... abrir a água, o açude secava, o pessoal pescava no açude e toda população participava disso aí na quinta-feira santa, tirava água do açude, o açude era sempre cheio então era uma festa. Quando era Natal, todo mundo de roupa nova, todo mundo se empolgava em mostrar aquela roupa do dia, porque a roupa era o segredo cada um que procurasse ter a roupa mais bonita. (Seu Borba)

No que tange à festa carnavalesca, tão tradicional no estado de Pernambu - co, blocos como O Pato, Cebola Quente, Riso das Flores, Bloco da Folha, O Corujão, Vai Quem Quer e Foiará animavam a cidade e garantiam as folias de momo. Os blocos e escolas de samba passavam, e ainda passam, parte do ano preocupados com os preparativos do desfile, conforme conta Seu Borba,

O Riso das Flores e Cebola Quente, essas duas, uma ficava lá perto da casa de Demivaldo e a outra no Alto da Boa Vista, elas passavam o ano todo trabalhando, e o próprio pessoal produzindo as roupas, produziam as roupas e quando era no carnaval todo mundo tava com a roupa pronta para desfilar. (Seu Borba)

Bianor e a professora Orlandina Pires de Souza criaram um bloco carna - vesco de nome Couro de Gato, em homenagem ao gato falecido de Bianor

Bianor e junto com a minha mãe fizeram a letra do bloco 'alerta a negrada, eis aqui o couro do nosso pobre gato, o papa rato da população, faz hoje um ano que o bichinho morreu terminou o choro, ficou o couro para a distração', aí entrava a orquestra (som da melodia) 'João Alves e Bira, Bianor, Jajão, Baduí e Kelé vamos a Badé Maciel Monteiro, o Dão, o Lula, o Tonho e todos que aqui vão em direção a Zeca Pedreiro', então aqui entrava novamente a orquestra, logicamente deveria ter mais alguma coisa, mas eu não me lembro mais, certo, como eu coloquei aqui, não me lembro e nem tenho a quem perguntar pois toda essa turma que fazia parte



Telegrapho sem fio

RECIFE 5.

Todas as repartições publicas e particulares, representantes das mais altas magistraturas do Paiz, Consulados e manifestações populares, congratulam-se, para que haja a mais agradável e deslumbrante, exhibição dos "Lanceiros".

PAULISTA 5.

E' voz geral em todas palestras, que todos os triumphos da Companhia Industrial em Camaragibe, é só e só devido ao desuzado entusiasmo dos Lanceiros este anno.

GOYANNA 5.

O professor José Lourenço (Zuzinha) tem dito repetidas vezes aqui, que o maior desgosto que lhe accabrunha a alma, é não passar o Carnaval ahí com vocês, empunhando a lança.

CAXANGÁ 5.

Espera-se de um modo nunca visto, e com uma recepção formidável, a chegada dos Lanceiros aqui. Comissões da mais fina e esmerada sociedade, esforçam-se afim de darem, um delitante brilho a festa.

VARZEA 5.

Preparam-se também grande festa, com bellissima recepção, na chegada dos Lanceiros amanhã aqui. A noite queimar-se ha bonito fogo de artifício. Reina grande animação.

SAO LOURENÇO 5.

As mais altas personagens de influencia publica neste Municipio, mostraram-se verdadeiramente satisfeito com os Lanceiros, e fazem votos para que elles sejam vencedores em toda linha.

ALDEIA 5.

A qui espalham de Norte a Sul, e de Leste a Oeste, que os Lanceiros, 'é a flor das sociedades Carnavalescas, que existem na face da terra.

ABRAYAL 5.

Por todos recantos d'este lugar, la-la-se de pé firme, e fronte erguida, do valor incontestavel dos Lanceiros de Camaragibe, nos dias dezejosos dos encantos do Momo. Por quasi todas as cazas, se encontra distintivos com iniciaes deste Club.

A DIRECTORIA

Presidente: Ignacio do Rego, Director: Severino dos Santos, Thezoureiro: Antonio José, Secretarios: Bonifacio de Freitas (morto) e Francisco Amaro Piscoas, Arthur Honório e Manoel Matheus, Orador: Euclides Pires, Procurador: José Monteiro e Aluervino Athanazio, (ausente) em exercicios, Antonio Bandeira, João de Arruda e José de Lima.

Vender gelada é commigo, mas sei papai de Club... não pega!

JOÃO MIRANDA.

"UTILIDADE"

A melhor receita, que os illustres superiores, devem applicar aos xeréas perturbadores de nossas pandegas Carnavalescas, é a seguinte: Agua... não precisa.

Seu trabalho não me serve.

Desocupe a casa immediatamente.

Ao 9 grãtas, conforme a phisicomancia do bruto.

Este preparado, depois de avaluado os seus mos, sendo applicado com energia, á de effeito radical, contra capotistas, arengueiros, me-tido-a-brabos, e valetites.

São Quimo.

Para fazer glosa só eu e Vinó... mas estes outros que andam por ahí...

JOSÉ BARNABÉ

NOSSO REPÉRTORIO

Marcha: Olha o Abônio
 * D. Julia Pires
 * Bio Gordura
 * Lembrança Inseparavel
 * E o Regresso.
 Adas: D. Camilla
 * Noemia.
 Tango: Remetecho
 Valsa

do bloco Couro de Gato já se encontram tocando na orquestra celestial, certo, junto com a minha mãe e com o primo Bianor. (Seu Chagas)

Ai, o gato dele morreu, e espicharam o couro, foi o que origem a comunidade. Espicharam o couro, fizeram o estandarte, ai saiu o “Couro de Gato”. Ai fizeram a música de (...), sei lá (?). Foi Nina e papai que fez a música, e dai ficou a Escola de Samba Couro de Gato. E saíram todos os amigos dali da Vila da Fábrica com o coro do gato no pau, né? Eles tocando, o estandarte e andando pela Vila. (Malu)

Alguns blocos fizeram seu hino como expressão das relações políticas na cidade, como é o caso do Bloco de Carnaval Foiará, que surgiu com Seu Antenor, mais conhecido por Tena, a partir de uma situação com o diretor da Fábrica, que adiou o pagamento dos operários para o dia posterior ao carnaval, alegando que se houvesse pagamento na data anterior, os funcionários não iriam trabalhar, ou chegariam em situações pouco favoráveis ao trabalho. Segue o hino, que remete ao Deputado Josué, que fora prefeito de Camaragibe e São Lourenço da Mata, quando a primeira ainda pertencia a segunda,

O Foiará tá na rua, diga que é ou não é, quem quer meu bichinho na rua, é o deputado Josué. O Foiará tá na rua, diga que é ou não é, quem quer meu bichinho na rua, é o deputado Josué. Brinca homem, brinca moça, brinca mulher. Quem quer meu bichinho na rua, é o deputado Josué. (Seu Castro)

Além desses blocos, alguns personagens marcaram a data festiva na cidade, pessoas que aglomeravam gentes e comemoravam os festejos carnavalescos, como Seu Mariano, que criou um grupo de urso e depois de caipora, e seu Zé dos Santos, que aglomerava as pessoas com o oferecimento de “bate-bate”,

Urso de Seu Mariano, era um cidadão aqui que era comunista nato, gostava de política que era uma beleza. [...] Essa ala-ursa era muito conhecida. Depois apareceu o urso, aí era o ‘Urso de Mariano’. Depois parou o urso, o rapaz que saía no urso morreu. Aí veio a caipora, aí era ‘Caipora de Mariano’, sempre de Mariano alguma. (Seu Borba)

Tinha um senhor que ele era africano, descendente de africano, rezava muito, era um rezador que todo mundo respeitava, chamado Zé dos Santos, então, ele fazia uma coisa chamada “bate-bate”, que é o maracujá com aguardente, aí concentrava, fazia e preparava 30, 40 litros de “bate-bate”. Ele começava a preparar uma ou

duas semanas antes. E todo bloco que fosse pra lá, se apresentava na frente da casa dele, ia tomar o “bate-bate” com alguma comida. E era tradição, qualquer bloco que fosse pra lá, ia na casa dele pra poder se apresentar e ele então ia aplaudir, ele só andava de branco, tinha um metro e oitenta e pouco de altura... (Seu Borba)

Os Clubes Guarany e Penarol comemoravam também os festejos de momo, que pelas narrativas de Zeza e seu Renato, as festas eram animadas,

Era dentro dos clubes, dentro do Guarany era sucesso, sucesso mesmo, as músicas antigas. [...] Muito, tudo fantasiado, lança-perfume, talco, as músicas muito boas, os carnavais sábado do Zé Pereira era uma festa fantástica, sábado do Zé Pereira que naquele tempo, naqueles anos atrás o povo brincava Carnaval e não fazia folia de pinotar, dançava aquelas músicas. Eu conheci o pai da minha filha no sábado de Zé Pereira dançando, a gente dançando assim agarrado, carnaval o povo tem aquela imagem tem que pinotar, tem que a gente dançou muito e existia isso, as músicas também eram músicas muito boas. (Zeza)

Carnaval?! Oxe! Carnaval no Guarany era o bicho. [...] Carnaval era bom demais. Guarany botava as cornetas aí em cima no Guarany, Cebola botava as cornetas em cima do Cebola, lá no cemitério e no Riso. (Seu Renato)

Para além da comemoração, o carnaval era também um momento onde a Fábrica delimitava seu poder e incentivava o trabalho, como a marchinha carnavalesca que espalhou-se entre os funcionários do escritório, cantada por Seu Osvaldo:

*O meu patrão é tolerante e dedicado?
Não consente que ninguém chegue atrasado
está direito, ninguém pode reclamar
O trabalho é necessário, faz a gente prosperar*

Ou quando funcionários da Fábrica, utilizando da autoridade, cessaram o conflito entre os blocos Cebola Quente e Riso das Flores.

Isso aí nos anos 60. Aí, o que acontecia que se encontrasse os dois [Cebola Quente e Riso das Flores], como aconteceu uma vez, eu não assisti, mas comentaram que a briga foi grande! Quebraram muita coisa e os músicos apanharam também! Porque se encontrou no Balde, quando foram saindo do balde, o outro ia chegando, aí... começou, cada um tocava uma coisa, cada um tocava uma coisa, e quando pensa que não, o pessoal começou a confusão. Aí a Fábrica mandou chamar, deu [?] nos dois tudinho, aí acalmaram. (Seu Borba)

Como bom boêmio, Bianor também participava dos festejos carnavalescos, incentivando financeiramente os blocos que desfilavam pelas ruas. Sua família nos conta que quando o bloco passava, parava em sua residência e cantava uma música, como narra Chagas, seu sobrinho

Aí cantava, vamos dizer assim, uma toadazinha. eu me lembro ainda da toada, cantava assim: ‘seu Bianor é uma beleza, seu Bianor é uma beleza é um cravo branco é uma luz acesa, é um cravo branco é uma luz acesa’ ai tocava né: ‘tuntisctumtuntisctumtuntisctum’ ahaaa [...] porque ele ajudava financeiramente, quem chegava lá, geralmente naquela época a prefeitura quase não ajudava né, naquela época, e eles saiam pedindo alguma coisa pra sair na época de carnaval, num é, e essas cartinhas eles deixavam na casa e vinham pegar depois o dinheiro e geralmente ele dava um dinheiro a mais do que os outros pra ajudar melhor então eles faziam reverência a ele no carnaval, paravam na casa dele cantava e tocava fazendo uma homenagem pela ajuda financeira que ele dava. (Seu Chagas)

Na nossa infância o que a gente lembra é o seguinte: todas as escolas de samba paravam na frente lá de casa, faziam reverência e demoravam às vezes quinze minutos fazendo aquelas apresentações, falavam o nome dele, colocavam no meio da música. Isso havia. Então havia essa reverência, os Caboclinhos também. E, às vezes, era o seguinte: um vinha numa rua e o outro chamava na outra rua porque estavam, como é que se diz, havendo disputa. Ai, chamavam pelo nome de papai numa rua e o outro do outro lado. E às vezes ele dizia assim pra mamãe Rosicler vai logo pro lado de cá, deixa eu atender o pessoal aqui que eu vou já pro outro lado”. Eles faziam isso. (Teresa Cristina)

Além dos festejos carnavalescos e eventos dos clubes, a música proporcionava alegria do bairro Vila da Fábrica por meio dos cantores seresteiros. Amigos que tocavam instrumentos musicais animavam as ruas da Vila. Bianor, dando um toque clássico com seu violino, em meio ao violão, bandlelim e sanfona. Entre as composições, cantavam Vicente Celestino, Nelson Gonçalves,

Se juntavam e muitos tinham namorada ainda, eram solteiros e vamos parar na casa de Fulana, Sicrana, namorada de Fulano e quando dava onze horas, meia noite aí vamos cantar uma música da velha guarda, de Nelson Golçalves e, ela, a pessoa gostasse, aí quando parava, que tava tocando aquela música e a pessoa abria a porta e forrava um pano, uma toalha estampa da na porta e ficava assistindo, então era uma tradição aqui na vila a seresta. (Seu Borba)

E quando adoecia a gente ficava preocupado, fulano não aparece, num sei que, e procurava saber porque, num sei que. Sempre a gente tinha a comunicação. Porque o bom é isso né, era a comunicação direto. Não podia faltar ninguém não, era uma tradição aqui na Vila a seresta, tinha que participar, todo final de semana. Tinha que participar [...] O bonito era isso. Agora era aquela união viu. Era um por todos e todos por um. Era união. Agora ali saía música de vários cantores antigos, mais de carnaval, porque Tena adorava carnaval, João Também adorava Carnaval. Ai saía música do Galo, saía música de várias agremiações. (Seu Castro)

Daquela rua de Rosicler, tocava e o que cantava, ele levava dois, três. Menina, eu ficava a noite todinha, que coisa boa. Ele foi fazer lá na Vila da Fábrica também, o povo dizia “vai ter seresta na vila”, aí eu ia pra casa do meu tio. (Dona Ireninha)

Muitos dos seresteiros tocavam em grupos fora de Camaragibe, Pedro da Costa, pai de Jeane, tocava com frequência com seu violão elétrico em Recife; Cláudio Souza tocou com Canhoto da Paraíba. Seu Chagas rememora de como a música fazia parte do cotidiano da família Mendonça Monteiro. Bianor acompanhava com dona Orlandina Pires de Souza, cantorias e canções da época que embalavam os ouvintes e as ouvintes, entre as preteridas, estavam:

“Disse um campônio à sua amada, minha idolatrada, digas o que quer, por ti vou matar, vou roubar embora a tristeza me causes mulher, provar pelo bem que eu te quero, venero teus olhos, teu porte, teu ser, e diga a tua ordem, eu espero, por ti não importa, matar ou morrer. e ela disse ao campônio a brincar, se é verdade tua louca paixão, parte já e para mim vai buscar de tua mãe um inteiro coração, e a correr o campônio partiu, como raio na estrada sumiu, sua amada qual louca ficou, a chorar na estrada tombou, chega o campônio a choupana e encontra a mãezinha ajoelhada a rezar, rasga-lhe o peito o demônio tombando a velhinha aos pés do altar, tira do peito sangrando da velha mãezinha um inteiro coração, e volta correr proclamando, vitória vitória a minha paixão. mas no meio da estrada caiu, e na queda uma perna partiu, e a distância saltou lhe dê a mão, sobre a terra um inteiro coração e a nesse instante uma voz ecoou, magoou-se pobre filho meu, vem buscar me filho que aqui estou, vem buscar-me que ainda sou teu”.(Seu Chagas)

“Sertaneja se eu pudesse, se papai do céu me desse, um espaço pra voar, eu varava

a natureza, acabava com a tristeza, só pra não te ver chorar, sertaneja o teu canto, é mais triste quando eu canto a canção que te ofertei e onde a fonte rumureja, eu ergui a tua igreja, e dentro dela o teu altar, sertaneja porque choras quando eu canto, sertaneja se esse canto é todo teu, sertaneja pra secar os teus olhinhos, vai ouvir os passarinhos, que cantam melhor que eu” (Seu Chagas)

A casa da Avenida Pierre Collier era constantemente frequentada. No círculo íntimo de Bianor, funcionários que também trabalhavam no escritório, como um dos diretores, Machado, e seu vizinho de frente, Juca, frequentava a casa tanto para reuniões e conversas, como para leituras de obras literárias, poesia e compartilhar momentos musicais, conforme nos diz Teresa Cristina,

Para doutor Machado não havia hora, poderia ser sábado, domingo feriados e noites. Naquela época muitas vezes vinha andando até de madrugada, batia palma, Bianor abria janela do primeiro andar e doutor Machado dizia que precisava conversar. Bianor descia e conversavam, fumavam um cigarro e depois ele ia embora.

A partir das narrativas podemos perceber que Camaragibe, especialmente Vila da Fábrica, era um lugar animado, onde a música e as artes, acompanhadas das influências religiosas e populares, contribuíram para formação das pessoas e manutenção de suas relações. Essas personagens de outrora, plantaram a semente do apreço à arte e à cultura na cidade, servindo de inspiração para os/as que vieram depois, mas que remete ao passado com estima e saudade.

Nesse cenário, Bianor viveu e conviveu com as pessoas da Vila da Fábrica, suas relações foram construídas nas esferas profissionais, teatro, música e lazer. Bianor vivenciou o bairro e as pessoas, desfrutou e contribuiu para o desenvolvimento cultural, atuando como mais um personagem que deixou marcas na história da cidade, lembrado como o homem do violino e dos, inteligente e prestativo, também, como nos disse Teresa Cristina, “A impressão que dava era que ele não era um homem de 1911”.

Bianor Mendonça Monteiro faleceu no dia 26 de setembro de 1991, acometido por um câncer no pulmão.



CINE TEATRO BIANOR
MENDONÇA MONTEIRO

Situado na cidade pernambucana de Camaragibe, o Cine Teatro Bianor Mendonça, único teatro da cidade, é um equipamento cultural ligado às artes cênicas e audiovisuais do município, gerenciado pela Fundação de Cultura do município. Ele tem a capacidade para abrigar 406 espectadores, possui banheiros, camarins e salas de ensaio.

O Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro está localizado na Avenida Dr. Pierre Collier, 440, no bairro da Vila da Fábrica, bairro que fora cenário de uma das primeiras vilas operárias da América Latina, datada no ano de 1893. Assim como o bairro, que cresceu ao passo que a fábrica se desenvolvia, o cine teatro possui uma história marcada por várias transformações. Conforme aponta os moradores da região, o prédio funcionou como um cinema durante os anos 1950, posteriormente foi uma igreja católica, depósito e alojamento de cooperadores da fábrica. Nomeado provisoriamente de “Teatro Camará”, o equipamento recebeu o nome de Teatro Bianor Mendonça Monteiro no ano de 2012, ano de sua inauguração.

Em 2016, após reuniões entre o Conselho Municipal de Cultura de Camaragibe (Sociedade Civil), Fundação de Cultura Turismo e Esportes de Camaragibe e membros da Sociedade Civil, ficou deliberado alteração do nome do equipamento para Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro.

A partir de 2017, o Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro passou a ter constantes atividades no âmbito das artes: eventos de cinema como o Festival Varilux de Cinema Francês e a Periférica - I Mostra de Cinema de Camaragibe; eventos de artes cênicas, como o 1º Encontro das Artes Cênicas de Camaragibe (EACC), II Palco Preto; além, também, de ser espaço que abriga o Núcleo de Pesquisas das Artes Cênicas (NUPAC) e outras solenidades institucionais e culturais.

Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro
(próxima página)

Imagem: Josivan Rodrigues



 **CINE TEATRO BIANOR MENDONÇA MONTEIRO**

Esse projeto buscou apresentar as memórias compartilhadas pelos moradores e moradoras da Vila da Fábrica por onde o fio condutor foi a trajetória de vida do Bianor Mendonça Monteiro enquanto participe do enredado social que a Fábrica de Tecidos criou ao instalar a primeira Vila Operária das Américas na cidade de Camaragibe.

Aqui apresentamos nosso empenho em conectar as pessoas entrevistadas através de suas memórias, sabendo que o passado se apresenta repleto de lembranças através das presenças e persistências da fala e, de igual modo são transformadas através de esquecimentos que se fazem sentir nas ausências que reclama a efemeridade da experiência de vida.

Agradecemos a todas e todos que contribuíram na elaboração, execução e finalização deste projeto, em especial, as nossas e nossos interlocutores por reservar um tempo de suas vidas, nos confiando suas lembranças ao permitir que entrássemos em suas casas , nos permitindo dimensionar o valor patrimonial da Vila da Fábrica em sua vizinhança.

Gratidão.



Eu quero que meu verso abranja todo o mundo:
O prado, o bosque em flôr, o monte e o planalto...
Desejo que êle grimpe ao pícaro mais alto
Repercuta o mar no pélago profundo.

Percorra velozmente a calidez do asfalto
Das estradas sem fim deste rincão fecundo...
Reboe pela amplidão, porque é um brado oriundo
Da grandeza do amor que perpétuo exalto.

Almejo que o perceba o pássaro que canta
Na copa do arvoredó... e o compreenenda a planta
No máximo esplendor múltiplo matiz...

E cheque ao Astro-Rei, brilhando no infinito...
- Todo o universo sinta a vibração do grito
De apoteose do amor que me tornou feliz!...
Exaltação, Bianor Mendonça Monteiro.

Bianor pelos traços de Seu José das Chagas.

Fonte: Arquivo Pessoal de Seus Chagas

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sylvana M. B. LIMA, Lúcio R. M. A FÁBRICA DE TECIDOS DE CAMARAGIBE E SUA ORGANIZAÇÃO CRISTÃ DO TRABALHO (1891-1908). *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP* – v.1. n. 2012.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-192.

COLLIER, Eduardo. *Carlos Alberto de Menezes: pioneirismo sindical e cristianismo*. Recife: Digital Grapp edit. 1996

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GONDAR, Jô. *Quatro proposições sobre memória social*. In: GONDAR, Jô. DODEBEI, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005, p. 11-26.

GUERRA, Marta de Araújo. *Camaragibe, retalhos de uma história*. Recife, Livro Rápido, 2007.

HOBSBAWM, Eric J.. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric J.. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz*. São Paulo, Paz e Terra, 1998.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora: FGV, 1998, p.167-182.

LOPES, José Sérgio Leite. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.

LIMA, Lucio Renato Mota. *O apostolado dos patrões: limites e possibilidades de um plano industrial disciplinar religioso em uma fábrica têxtil (Camaragibe, 1981-1908)*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

MENEZES, Carlos Alberto de. Discurso. In: *I Congresso Cathólico Brasileiro*. Bahia, 1900.

PERNAMBUCANA, Companhia Industrial. *Fábrica de Tecidos Camaragibe - Usina de Goyanna (1891 - 1908)*. Rio de Janeiro: Exposição Nacional de 1908, Papelaria União, 1908.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *Confronto e compromisso no processo de constitucionalização (1930-1935)*. In: FAUSTO, Bóris (Orgs.). *Brasil Republicano*. São Paulo : Difel, 1981. v. 3, p. 9-75 (História Geral da Civilização Brasileira, 10).

SANTOS, Marcos Alesandro Neves dos. *Vilas operárias: centros de ordem e exclusão na vila operária de Camaragibe – PE (1900-1929)*. 115fl. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

SILVA, João Pereira da. *Memórias*. Livro do autor. 1988.

JORNAIS CONSULTADOS

O Lanceiro (S/D). Pernambuco.

O Comércio, número 12, São Lourenço da Mata, 1973.

A Hora, ano XXXV , número 4, São Lourenço da Mata, 1951.

A Hora, ano XXXVI, número 6, São Lourenço da Mata, 1952.

GOVERNADOR DE PERNAMBUCO

Paulo Câmara

VICE-GOVERNADORA

Luciana Santos

SECRETARIA DE CULTURA

Secretário de Cultura | **Gilberto Freyre Neto**

Secretária Executiva | **Silvana Meireles**

Chefe de Gabinete | **Anita Carneiro**

Gerente-Geral de Articulação Social | **Anibal Aciolly**

Gerente de Formação e Projetos Especiais | **Tarciana Portella**

Gerente de Planejamento | **Fernanda Laís de Matos**

Gerente de Administração e Finanças | **Manoel Araújo**

Gerente de Políticas Culturais | **Diego Santos**

Gestor de Comunicação | **Rodrigo Coutinho**

Assessor de Teatro e Ópera | **José Neto Barbosa**

Assessor de Circo | **Jorge Clésio**

Assessora de Dança | **Maria Paula Costa Rêgo**

Coordenador de Artes Visuais | **Márcio Almeida**

Assessor de Fotografia | **Jarbas Araújo Júnior**

Coordenadora de Cultura Popular | **Teresa Amaral**

Assessor de Artesanato | **Breno Nascimento**

Coordenadora de Literatura | **Mariane Bigio**

Coordenadores de Design e Moda | **Flávio Barbosa**

Coordenadora de Música | **Andreza Portella**

Assessora de Gastronomia | **Ana Cláudia Frazão**

INCENTIVO

**Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura
FUNCULTURA / Secult - PE / Fundarpe**

REALIZAÇÃO

Pós-Traumático Coletivo

APOIO

**Fundação de Cultura de Camaragibe
Cine Teatro Bianor Mendonça Monteiro**

FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE
PERNAMBUCO – FUNDARPE

Diretor-Presidente | **Marcelo Canuto**

Vice-Presidente | **Severino Pessoa**

Chefe de Gabinete | **Patrícia Bandeira**

Gerente-Geral de Preservação do Patrimônio Cultural | **Célia Campos**

Gerente de Ação Cultural | **André Brasileiro**

Gerente de Produção | **Júlio Maia**

Gerente de Administração e Finanças | **Jacilene Oliveira**

Superintendente de Gestão do Funcultura | **Aline Oliveira Cordeiro da Silva**

Superintendente de Planejamento e Gestão | **Gustavo Leite**

FICHA TÉCNICA

Idealização

Ângelo Fábio

Produção Executiva

Ticiano Arraes

Coordenador da Pesquisa

Cássio Raniere

Equipe de Pesquisa

Ângelo Fábio

Carla Almeida

Cássio Raniere

Josivan Rodrigues

Textos

Carla Almeida

Cássio Raniere

Fotografia

**Josivan Rodrigues, Acervo Família Mendonça Monteiro, Arquivo Público
Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), Coleção Menezes-Collier/Fundaj**

Design Gráfico

André Soares

Website

Ticiano Arraes

Revisão de Textos

João Batista Martins de Moraes

Assessoria de Imprensa

Ângelo Fábio



REALIZAÇÃO



APOIO



INCENTIVO

FUNDO PERNAMBUCANO
DE INCENTIVO À CULTURA
FUNCULTURA



Secretaria de
Cultura



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.